

31.12.2014

O espírito do tempo, zeigeist, é pessimista.

Na melhor tradição romântica - a palavra zeigeist vem de lá -, devemos, lamentar a falta de uma natureza acolhedora que não existe e proclamar saudades de um passado paraíso que nunca houve. Seremos bem aceitos se formos críticos; o que para os gregos era "a capacidade de decidir", tornou-se, agora, competência para realçar o perigo de todos os caminhos e os defeitos de todas as coisas. Da denúncia da aristocracia, do capitalismo e da sociedade industrial, chegamos, enfim, à condenação total da humanidade.

Esse domínio mórbido tem escondido aspectos contingentes que vale mencionar na véspera de um ano novo.

Em algumas décadas, há pouco, tecnologias desenvolvidas para a guerra e a conquista abriram-se ao uso das gentes. Os autores desse feito foram guerrilheiros matemáticos e físicos que conspiraram em segredo e, agiram, quase sempre, por conta própria. Por causa da revolução e dos ardis deles, bilhões de pessoas se habilitam a consumir o produto de centenas de milhões de autores, que reproduzem o conhecimento acumulado, o recriam e passam adiante.

Com ideais magníficos e teoria política pragmática, outros tantos anônimos cientistas e tecnólogos desenvolvem e difundem generosamente, até o plano da total gratuidade, ferramentas virtuais que permitem aos mais hábeis penetrar nos acervos protegidos de mistérios tenebrosos e dão, a quem o pretenda, a possibilidade de produzir e difundir seus próprios textos, sons e imagens, armazenando-os num espaço sem limites.

Pensem nisso e tenham um feliz 2015.

31.12.1014

A indústria da construção civil pesada que se desenvolveu no Brasil desde a construção da barragem de Paulo Afonso, no governo Vargas, ao longo dos governos de Juscelino, dos militares, do PT, gerou empresas grandes que se espalham pelo mundo.

São uma das poucas expansões externas do poder nacional brasileiro .

Formam cartel? Claro. Entre si e com quem mais for conveniente.

Que os estados nacionais protegem esses carteis, não há dúvida. O colonialismo está aí para provar.

O que é o Conselho de Relações Exteriores (Council of Foreign Relations) senão um cartel político. E o acerto de Bilderberg, e a Trilateral?

O problema, no caso, é outro.

Os gringos se queixam da reserva de mercado e querem faturar com as obras brasileiras. Alegam reciprocidade - verdadeira, mas nem tanto. E advogam via procuradores e jornais.

Em lugar do cartel das empreiteiras, teremos outros, multinacionais, como o da Siemen/Alston/Bombardier/CAF/Mitsui, que se formou para abrir as linhas de metro de São Paulo, ou consórcios similares constituídos para a realização de qualquer grande obra pública no mundo nos últimos séculos.

É possível que os custos baixem um pouco, mas é difícil saber em projetos tão grandes e de tão escassa concorrência.

A corrupção é um evento paralelo, que não deixará de ocorrer por isso.

30.12.2014

A maior patranha da história recente brasileira é essa de "ameaça comunista".

O movimento comunista no Brasil sempre foi uma articulação de grupos da classe média. Primeiro, oficiais militares, na década de 1930; no pós-guerra, intelectuais - os mais brilhantes do país - movidos principalmente pela indignação diante do atraso social em que vivíamos e ainda vivemos..

Na esteira desses segmentos, houve alguma penetração entre estudantes e praças, na década de 1960. A base operária consistia em grupos pequenos em empresas públicas: marítimos de Niterói, metalúrgicos em Volta Redonda, alguns ferroviários.

O grande responsável pela baixa penetração do Partido Comunista entre os trabalhadores foi a política trabalhista de Getúlio Vargas; a consciência disso motivou estranha "aliança de contrários" entre comunistas e udenistas, intermitente até o episódio do suicídio e mesmo depois, no núcleo fiel a Prestes.

Associar o trabalhismo de Getúlio e o comunismo é mágica da propaganda, que agora faz o mesmo com as campanhas nacionalistas de retórica indigenista, na Venezuela e na Bolívia, principalmente. No imaginário dos zumbis do Clube Militar (os integrados americanófilos e os apocalípticos linha dura) e na conveniência dos bacharéis espertos, a guerra fria não terminou e jamais terminará porque é de sua presença fantasmagórica que seu discurso sobrevive.

29.12.2014

Essa ideia do Cid Gomes, novo ministro da educação, é um retrocesso monumental.

Numa sociedade tecnológica como a que temos, com os problemas sociais que vivemos e as necessidades de expressão que nos são impostas, é simplesmente imbecil incorporar à sociedade pessoas com formação a que faltam suportes básicos, essenciais para o conhecimento, em nome de uma especialização precoce..

Ninguém quer isso, muito menos a indústria ou o comércio - que o digam as escolas técnicas. É o tipo da proposta falsamente democrática, de um modelo de ensino que se abandonou há décadas.

O ensino básico tem que ser básico, portanto plural.

29.12.2014

Classe trabalhadora.

O velho chegou, como todos os dias em 30 anos, para abrir a casa.

Daquela vez, a voz estava enrolada e o braço esquerdo pendia, inerte.

O patrão chegou mais tarde. Sonegava contribuições, impostos, e tinha enorme dívida por causa do empregado fiel que o acompanhava desde o início, quando abriu uma portinha na Praia de São Cristóvão.

Álvaro estava aflito, algo lhe ocorrera durante a noite. Tivera dificuldade até mesmo para segurar o balaústre do bonde e, depois, escolher o caminho na calçada.

- Tens um filho moço, está estudando. Já imaginou depender da previdência que o ditador criou?

Álvaro, confuso, chorava.

- Mas podes deixar. Assina aqui. Sou teu amigo.

Papai assinou. Tinha letra regular, linda.

Com vergonha, não me contou nada.

Era legal, na época.

Daí em diante, nos últimos meses de vida, dependeu de mim.

28.12.2014

As leis de meios que vêm sendo propostas em várias partes do mundo objetivam conter abusos resultantes da concentração e do excessivo poder dos detentores de redes de comunicação social.

Historicamente, esses meios operavam isolados e em comunidades distintas; nesse contexto, tinham fortes vínculos com a economia e cultura locais. Nas cidades maiores, dividiam-se conforme o público-alvo distribuído por classes sociais, preferências políticas etc.

A tecnologia possibilitou a formação de redes e, nelas, de malhas privilegiadas que passaram a selecionar conteúdos, privilegiando mensagens padronizadas segundo uma preferência média que abstrai diferenças; movidas por contingências/conveniências financeiras, essas organizações orientam-se pelos interesses de grandes financiadores e anunciantes – estes, por sua vez, crescentemente associados.

O fenômeno é mundial; foi diagnosticado no relatório MacBride (Um mundo, muitas vozes), de 1975 – pode ser lido na rede -, no qual se observava que o direito de informar dado a esses centros de veiculação contrapunha-se ao direito de ser informado dos cidadãos.

Os malfeitos que motivam as leis de meios são, portanto, parte de um problema imperativo e global: a indústria universal das verdades convenientes.

No caso da Inglaterra, um dos países pioneiros na regulamentação, o estopim foi distorção observada principalmente lá: a troca por dinheiro de informação que rende escândalos envolvendo celebridades e, portanto, promovendo vendas e/ou audiência. Na América Latina – Argentina, Uruguai, agora Brasil – o problema mais visível é a orquestração continental da mídia formando grande lobby político.

Do ponto de vista jurídico, creio que a melhor abordagem parte dos debates ocorridos, no processo da Revolução Industrial, durante as campanhas contra trustes e cartéis, com a ressalva da particular resistência destes, fundada no postulado da liberdade de informação (curiosamente, algo que sonegam); afinal, se o dinheiro é a mercadoria das mercadorias porque se troca por todas as outras coisas, a palavra é o poder sobre todos os poderes, porque nela se expressam todas as vontades.

Deve-se ter presente que a limitação da concentração dos meios – a pluralização e regionalização dos produtores e controladores do fluxo informativo no Brasil - é só parte de um processo que deve diversificar os hubs que selecionam a informação em escala global; isso implica mudanças que corrijam, neste setor, a distorção denunciada na encíclica Quadragesimo Anno, do Papa Pio XI (1931); deixada livre, a concorrência conduz inevitavelmente ao poder absoluto do mais forte.

O mais forte, certamente, não acredita nisso.

27.12.2014

Vanda era uma índia pálida.

Cabelos negros, finos, lisos, cortados na horizontal acima dos ombros.

Calma, olhar suave.

Naquela manhã, sentados nos tacos encerados da sala, brincávamos com um ábaco. De repente, ela tombou e logo a ergueram do chão.

Foi um dia agitado. Puseram-me na casa do vizinho, mas voltei, correndo, quando se distraíram, e entrei no quarto de nossos pais.

Deitada, olhos abertos sobre a colcha de renda, Vanda morria.

Aí me suspenderam e, do alto, sobre a cômoda de madeira escura com uma porta abaulada entre duas colunas de gavetas (coisa típica do que era moderno nos anos 30), vi um copo com água pelo meio e, na borda, atravessada, a colher de sorvete folheada a prata que alguém furtara do Cassino da Urca – aquela mesma que, me lembro, tinha curiosamente gravado, em baixo-relevo e dimensão minúscula, o número 13.

No dia seguinte, continuava a agitação, mas já agora da casa de uma tia, em Vila Isabel.

Todas as coisas naquela época eram maiores: o quintal, imenso.

No meio da tarde, entrei na sala me esgueirando entre pernas e tive a última oportunidade de vê-la, centro de atenções, deitada sobre a mesa.

Passados muitos anos, tentei entender o que houve com Vanda e imaginei, primeiro, insuficiência congênita das válvulas cardíacas; , o inesperado e a urgência me fizeram, porém, ser mais ousado e desconfiar de uma fístula na parede intraventricular que se tenha ampliado subitamente.

De toda sorte, nada se poderia fazer, nem mesmo saber, naquele tempo.

Como vai acontecer conosco, ninguém se lembra mais de Vanda, muito menos tem saudades.

Só eu.

26.12.2014

A queda da dinastia Sarney no Maranhão pode, sim, ser o evento simbólico que marca o declínio das oligarquias regionais - pelo menos no Nordeste.

O problema é que o que sucederá esses oligarcas no plano nacional - essencialmente, na representação no Congresso.

As oligarquias têm sobrevivido negociando sempre - com os interesses ingleses e americanos, os militares tenentistas, os sindicatos trabalhistas, os empresários progressistas, os generais golpistas, o distributivismo lulista etc.

Todo esforço atual de gente como Gilmar Mendes, eterno preposto de Fernando (desenvolvimento dependente) Henrique Cardoso, é substituir oligarcas por grandes corporações no patrocínio das bancadas parlamentares, criando, assim, uma plutocracia que, como a dos Estados Unidos, mantenha a aparência democrática necessária para fins de relações públicas.

A eleição de um governador comunista aponta - também de maneira estritamente simbólica - em sentido contrário.

25.12.2014

Esse texto contém uma bela coleção de asneiras, seja da lavra do autor ou de quem ele critica, mas algumas chegam a ser ingênuas de tão transparentes. Selecionei três:

1. “genitália frontal” pressupõe uma “genitália costal” (!); a feminina seria “medial”;
2. a cola cirúrgica “de proveniência iraniana” que, segundo uma dessas ongs politigueiras, teria sido usada (claro que por muçulmanos) numa forma de tortura bárbara;
3. “a mulher tem uma ligação muito grande com a terra pelo fato dela parir, dela brotar, dela menstruar” - afirmação típica de um tipo de raciocínio esquizo-metafórico que me leva a considerar a psicanálise - ou sua prática clínica - uma grande picaretagem.

Finalmente, o ânus é certamente comum aos dois sexos, mas é do gênero masculino. Em compensação, a bunda, também comum aos dois sexos, é do gênero feminino.

21.12.2014

Não consigo me entusiasmar com o recente gesto amistoso dos Estados Unidos com relação a Cuba;

pelo contrário, acredito que o risco de uma ação agressiva na América Latina aumenta, agora. O que alimenta minha convicção é a certeza, validada na História, de que o governo americano persevera sempre em seus objetivos imperiais, de modo que toda paz é vista como oportunidade para a preparação do próximo combate,

Tem sido assim desde o avanço para o Oeste e para o Sul, com o extermínio de nações indígenas e a espoliação de enormes áreas do México, no Século XIX. Foi assim, ainda há pouco, com o compromisso de respeito aos interesses da Rússia na negociação que pôs fim à guerra fria, como anotou o insuspeito Mikhail Gorbachev.

O recuo estratégico, parcial e incompleto, no caso de Cuba, foi determinado não por motivos nobres ou aspiração sincera, mas como recurso para dissuadir núcleos de poder, como militares e homens de negócio brasileiros, da tentativa de diversificar relações, abrindo-se a composições com Rússia e China.

Não impede que, ao mesmo tempo, interesses americanos estimulem movimentos subversivos no Brasil, Argentina, Nicarágua, Venezuela ou na própria Cuba.

Foi em plena vigência da Aliança para o Progresso, proposta encantadora e sorridente dos americanos, que o Embaixador Lincoln Gordon articulou o golpe de 1964 mobilizando atores locais e até mesmo forças de invasão,

Vi isso acontecer.

20.12.2014

Fala-se muito de Última Hora, O Globo, até do Correio da Manhã, mas quase nada sobre outros jornais que a ditadura liquidou. Por isso, como leitura de fim de ano, um pouco da história do Diário de Notícias, fundado pelo cearense Orlando Ribeiro Dantas em 12 de junho de 1930 e que circulou até meados da década de 1970, o quarto ou quinto com esse nome no Rio de Janeiro.

O Diário nasceu empenhado na campanha presidencial de Getúlio Vargas, a quem apoiou na revolução de 1930 e, logo adiante, passou a combater, alinhando-se com o movimento por uma assembleia constituinte que desembocaria na insurreição paulista de 1932. Durante o Estado Novo, período ditatorial entre 1937 e 1945, manteve-se independente, rejeitando os favores do Departamento de Imprensa e Propaganda que outros jornais recebiam gostosamente.

Frequentavam a redação, naquela época, personagens que participariam da política nas décadas seguintes, militando na União Democrática Nacional (UDN): Otávio Mangabeira, Adauto Lúcio Cardoso e Eduardo Gomes, entre outros. O quadro de colaboradores era politicamente mais diversificado: Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreira, Alceu Amoroso Lima, Luís da Câmara Cascudo, Afonso Arinos de Melo Franco, Josué de Castro, Sérgio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos...

No início da década de 1950, o Diário tinha discurso próprio que o levou a confrontar-se com O Globo. O aspecto mais notável desse confronto foi um debate acirrado sobre histórias em quadrinhos. Elas representavam generosa fonte de renda para várias editoras: a empresa de Roberto Marinho editava o Gibi, o Globo Juvenil e outras publicações com tiras importadas dos Estados Unidos. Orlando Dantas, baseando-se em estudos americanos, contestava o valor educativo dessas histórias – em que se lançaram alguns dos heróis ainda hoje exaltados pela indústria cultural como o Super-Homem, o Capitão América e o Capitão Marvel.

A morte de Orlando, em 1953., não afetou, de imediato a linha do jornal, que fazia forte oposição ao governo de Juscelino Kubitschek e à construção de Brasília. Era, então, uma empresa vencedora – o diário de maior circulação do Rio de Janeiro, com público cativo constituído de gente da classe média - militares, professores, burocratas e pessoal do comércio.

A viúva, Ondina Portela Ribeiro Dantas, é descrita como figura competente (escrevia uma coluna sobre música com o pseudônimo D'Or) e autoritária – apelidaram-na de “marechala”. As decisões mais importantes passariam, no entanto, a ser tomadas, nos anos seguintes, pelo filho, João Portela Ribeiro Dantas.

Em 1957, João Dantas deu um passo empresarial arriscado: comprou o acervo de O Mundo, jornal dirigido por Geraldo Rocha e ligado a Juan Domingo Perón, presidente da Argentina deposto em 1955 e então no exílio em Madri, Espanha: máquinas gráficas, uma revista em cores, Mundo Ilustrado, e um prédio de sete andares, na Rua do Riachuelo, 114 (a sede anterior era na Rua da Constituição, 11). A mudança foi sacramentada no expediente do jornal do dia 5 de novembro, sobre a manchete que proclamava: “Pretendem os russos ir à Lua”.

No ano seguinte, o risco assumido foi ideológico e político: o Diário de Notícias promoveu um estudo sobre “a Revolução Brasileira”, por uma equipe coordenada por José Artur Rios. O documento, publicado em 15 de junho, teve grande repercussão. Propunha, entre outras coisas, reforma agrária,

nacionalização de indústrias de base e das empresas de rádio e televisão e um programa de educação em massa, com a extinção do analfabetismo.

Essa proposta – divergente, embora, em vários itens, com pontos de vista do grupo político a que tradicionalmente se ligara o Diário de Notícias –, foi apresentada por João Dantas ao candidato Jânio Quadros, com quem se encontrou em Bled, na Croácia. Juntos visitaram o Japão, a Índia, o Paquistão, o Irã, o Egito, Israel e Líbano. Foram à China: Falandu à France Press, em Pequim, como porta-voz de Jânio, Dantas defendeu o reconhecimento do regime de Mao Tsé Tung e o restabelecimento de relações com a Rússia.

Ortodoxo em economia mas heterodoxo em política externa, Jânio perdeu apoio político rapidamente, ao assumir a presidência; renunciou ao fim de sete meses. Ao defender a posse do vice-presidente, João Goulart, e aliar-se até mesmo a antigos desafetos, como Leonel Brizola, o Diário de Notícias fixou definitivamente junto às correntes políticas que se digladiavam uma imagem sinuosa e, portanto, não confiável.

Pouco lhe valeu o apoio tardio ao golpe de 1964; no governo de Humberto Alencar Castelo Branco, ele daria espaço ao discurso crítico de Carlos Lacerda, a essa altura na oposição e caminhando para se recompor com Juscelino Kubitschek e João Goulart na construção de uma pretendida “frente ampla”. No governo de Arthur da Costa e Silva, opôs-se à legalização do jogo do bicho, defendida pela primeira dama, Yolanda, e isso lhe valeu mais uma inimidade poderosa.

O jornal estava virtualmente falido, afogado por dívidas com a previdência social e bancos oficiais. Sua sobrevivência é atribuída a um capricho do então ocupante da Presidência da República, Emílio Garrastazu Médici: ele não queria que deixasse de circular, durante seu governo, o jornal que se habituara a ler na mocidade.

Vendido formalmente por US\$500 mil ao grupo TAA, do empresário pernambucano Fernando Rodrigues, representado pelo deputado Ricardo Fiúza, indicado pelo Ministro da Fazenda, Delfim Netto, esteve sob intervenção do governo de 1970 até 1973, com alguma descontinuidade de circulação.

Os novos proprietários assumiram o controle em 1973, mas não ficaram por muito tempo.

O último número, edição 14.747, circulou em 10 de novembro de 1976, desfigurado, com a manchete sobre um press-release: “Ferroviário recebe novembro com aumento do Plano”.

19.12.2014

“Ocidente-se, rapaz!”, dizem os chineses.

E embarcam 82 mil toneladas de quinquilharias no primeiro trem de carga rumo a Madri.

É como refazer, por terra, e no sentido contrário, o caminho marítimo aberto pelas naus que partiram da Ibéria, no início do Século XVI, a caminho das Índias.

Pelo menos, há quem pense isso.

19.12.2014

Ocorre-me refletir sobre o que é um furo jornalístico.

Ora, diriam, é uma informação impactante que se publica em primeira mão.

No entanto, para mim, há diferença relevante em “como” se obtém o “furo”.

Valerá creditar o furo a meros estafetas - àqueles moleques de recados que uma organização criminosa, como a de Carlinhos Cachoeira, ou um núcleo de justiceiros, como essa procuradoria federal do Paraná, usam constantemente para difundir suas fofocas?

Não será desonesta a autoridade pública que, sem assumir a responsabilidade, viola o segredo de justiça e, escondendo a cara, espalha - portanto, coonesto - denúncias de um criminoso? Será essa prática legítima, tolerada em nome da liberdade de imprensa?

E os direitos individuais dessas pessoas, onde ficam? E se alguma delas for inocente, a quem se queixa?

A partir do depoimento de uma testemunha, o repórter, sem fazer qualquer ressalva, estipula quais instâncias julgarão os “acusados”. Dispensa a investigação, o processamento judiciário, o direito de defesa ...

18.12.2014

Há 135 anos, em 18 de dezembro de 1879, nasceu em Gori, na Geórgia, uma das figuras mais relevantes da História do Século XX. Josef Stalin até hoje motiva tantos discursos furiosos que só mesmo o tempo permitirá que se possa analisar racionalmente seu papel na liderança da União

Soviética por quase três décadas..

Os erros que cometeu - e os que foram cometidos enquanto governou o país - são sempre lembrados: a perseguição feroz de opositores, a coletivização forçada no campo, a aventura genética de Lisenko (que pretendeu aplicar a dialética à hereditariedade), o culto da personalidade, a imposição de uma estética oficial etc. . Contabilizaram-se cuidadosamente as vítimas de deportações e expurgos: teriam sido 4.060.306 condenações políticas.

Lembram-se menos dos avanços que propiciou, sobretudo na década de 1930, no sistema de educação, no atendimento à saúde e na modernização da indústria. Ou que Stalin, liderando seu país na Segunda Guerra Mundial, foi o principal responsável pela vitória sobre a Alemanha.

Ao contrário da outra potência vitoriosa, os Estados Unidos, que terminaram o conflito com reservas ilimitadas de dinheiro e nenhum dano em seu território, a União Soviética perdeu 26 milhões de pessoas ,entre combatentes e civis, e teve enormes áreas devastadas

Nos anos seguintes, coube ainda a Stalin a tarefa da reconstrução sem o amparo de algo como o Plano Marshall, que sustentou a recuperação da Europa Ocidental.. Ao mesmo tempo, novo conflito, a guerra fria, impunha custos militares elevados,

A oposição a seus métodos motivou profunda revisão em 1956, três anos depois de sua morte, em um congresso do Partido Comunista da URSS que teve repercussão enorme na época. Modelo de gestão menos centralista e política externa menos intransigente foram depois longamente experimentados, sem êxito.

Ficou a fama de um ditador rígido, tal como sugere o apelido que adotou: em russo, “stal” (сталь) significa “aço”.

17.12.2014

Fórmula:

1. Pegue um medicamento qualquer (pode ser aspirina, paracetamol, dipirona, qualquer um.) e saia perguntando a médicos se o uso excessivo deles faz mal. Acentue que sem controle médico.
2. Pergunte quais os males possíveis. Se o médico for reticente, pergunte especificamente com base nas advertências da bula.
3. Faça uma matéria sensacionalista.

Repita a dose de seis em seis meses. Se fizer efeito, pode preparar uma suite, com outro repórter, defendendo o uso do medicamento em causa. A polêmica é fonte inesgotável de sucesso.

Observaç

16.12.2014

Pode-se afirmar que o domínio da cultura saxônica, que antes disputava, no nível acadêmico e no mercado de consumo, com outras fontes – no Ocidente, principalmente, com a cultura francesa – consolidou-se na etapa norte-americana (após a década de 1920 e, sobretudo, da Segunda Guerra Mundial), dada a supremacia na área da informação.

A retórica do jornalismo americano tornou-se padrão de objetividade, impondo antagonismos absurdos (como democracia x comunismo), e ambiguidades surpreendentes (como liberal = socialista, socialista = comunista ou, no Brasil, trabalhismo = comunismo), substituições convenientes (estrangeiro/internacional) etc.

Seguindo o estilo consagrado pela revista Time (1922), a combinação de informação objetiva com adjetivação criativa, metáforas e acumulações de sentido produziu um modelo de relato-comentário da realidade que se mostra dominante, principalmente em revistas de informação geral e suplementos. Através de mecanismos hábeis e de recursos bem direcionados, transferiu-se a luta política histórica (o conflito de classes e da distribuição de riqueza no mundo) para o universo existencial (a relação ente os sexos, as raças, do homem com a natureza); a escatologia – questão dos fins últimos e causas primeiras da humanidade da vida, do universo – passou do contexto religioso para o debate partidário, adquirindo extraordinário potencial de conflito.

15.12.2014

A propósito de despropósitos.

Um dos argumentos usados no debate sobre drogas é que os governos, ao permitir bebidas alcoólicas e tabaco enquanto se beneficiam dos elevados impostos que cobram sobre sua produção e comercialização, são tremendamente cínicos.

Ora, o que deveriam os governos fazer? Não cobrar impostos ou cobrar menos impostos, baixando os preços? Proibir e criar novo tráfico clandestino, de cujos efeitos temos notícia quando da lei seca nos Estados Unidos? Onerar outros setores produtivos para manter os serviços públicos? Teses devem ser defendidas com argumentos decentes e não com tolices como essa.

O que se diz em defesa da liberação da maconha é que ela tem insubstituíveis efeitos medicinais, embora para tal não a empreguem 999 em mil usuário; não se trata, decerto, da venda com retenção e controle da receita médica. Suspeita-se que haja alguma conveniente hipocrisia nisso.

Quanto à regulação do uso, a maconha não difere das anfetaminas usadas por meninos e meninas em baladas e festas rave, dos alucinógenos que intelectuais tanto cultuam, ou da cocaína que, como disse um amigo no jantar panorâmico de altos executivos onde era servida em sopeiras, “se ventar, o Rio todo será um barato”.

A intensidade do efeito e o grau de dependência variam: há pessoas e épocas da vida em que a vulnerabilidade é maior.

É irrealista imaginar que, liberando uma não se seguirão as outras; liberar a maconha significa, a médio prazo, preparar-se para conviver legalmente com essas drogas e outras mais que se descubram e fabriquem.

É possível, mas complicado. Deve-se estudar o que e como fazer - prós e contras - com a isenção possível.

As bebidas alcoólicas fortes mais populares - cachaça, rum - foram usadas para, viciando escravos e galés, motivá-los a produzir - o mesmo que se faz hoje com sedutores badulaques de consumo de massa. Outras - cerveja, vinhos - são parte de culturas milenares.

Quanto ao ópio, imposto à China pela Inglaterra em duas guerras e vendido a preço caro, condenou o país a um século de humilhação, com a elite do país - os mandarins - incapaz de defender o estado nacional.

A propósito, as plantações de ópio que abasteciam os ingleses no Afeganistão foram destruídas pelo Talibã e, como contam jornalistas e mostram vídeos, voltaram a vicejar, agora que a Otan devolveu o país aos “moderados” amigos.

14.12.2014

Com a revolução industrial, era preciso transformar a multidão de analfabetos que vicejava nos campos em gente capaz de produzir máquinas e usá-las.

Tratava-se de informar o que fazer e de instruir sobre como fazer. Para isso, ensinar àqueles seres da natureza o necessário do código da língua escrita formal, e instruí-los para a utilização dos cálculos operacionais exigidos.

Para isso, os poderosos consultaram nefelibatas e subversivos que antes prestavam serviço às famílias nobres na formação de seus amados rebentos e as distraíam com contos curiosos e requintadas harmonias. Eles os convenceram de algumas coisas:

que, para se conformar melhor à vida regrada das fábricas, deveriam as gentes conhecer a história da Grécia, Roma e Europa em geral (não se sabia que a história poderia, e poderá um dia, ser contada de outra forma). de jeito tal que percebessem que tudo sempre se encaminhara para o inevitável e insuperável atual;

que a leitura dos manuais de manutenção seria mais fácil para quem ouvisse e resmungasse poesias - não aquelas deles, espontâneas, grosseiras, onde se inspira toda a criatividade dos povos, mas na forma elegante, seleta, construída para deleite da elite gestora;

que o gosto da suprema arte ajudaria a variar o desenho das louças e latrinas, aprimorar os cantos de amor, fervor, luto e tédio, distrair o bastante para que jamais se dessem conta dos limites de sua condição;

que os romances ajudariam a preencher vazios entre os tempos da comida, da reprodução (das energias e da espécie) e da ocupação produtiva;

que, afinal, o latim e a filosofia lhes permitiriam, não só tirar conclusões corretas das ordens mais complexas, como mais facilmente adaptar-se a elas;

que tudo isso, agregando ao próximo o distante, ao contingente o imaginário e ao possível a utopia, os motivaria a trabalhar mais e a competir uns com os outros - até mesmo a sugerir alguma coisa que servisse para aumentar os lucros..

Era o fim do Século XVIII. Nascia a escola pública.

Com o tempo, as necessidades aumentaram mas houve notáveis efeitos colaterais que foi preciso corrigir mudando conteúdos, fortalecendo as forças de segurança e investindo em publicidade.

13.12.2014

Lendo, há pouco, o discurso da presidente da República na solenidade de inauguração do prédio central do estaleiro em que se fabricarão os cinco submarinos programados para a Marinha, lembrei-me do que se dizia no tempo de Fernando Henrique Cardoso quanto ao papel das forças armadas. O pressuposto era mesmo: o Brasil é um país pacífico e há muito tempo se dá bem com seus vizinhos. A conclusão, porém, era o oposto: pretendia-se dar às forças armadas a função única de polícia de fronteiras - uma espécie de PM federal.

Intimamente associado aos interesses americanos ao longo de sua carreira acadêmica e política, Fernando Henrique tomou medidas que, consideradas à luz dos interesses nacionais, caracterizariam traição à pátria: destacadamente, alienou o sistema de comunicação por satélites da Embratel, que operava mensagens privativas do Estado; assinou o lesivo tratado de não proliferação de armas nucleares, que claramente cuida de manter o monopólio da tecnologia também para uso civil; sancionou o suspeitíssimo contrato com a Raytheon para o equipamento do sistema de vigilância da Amazônia; e permitiu o sucateamento do que restava da estrutura industrial de defesa.

Fica bem claro que, na concepção da época, globalizado o mundo e reduzidos os estados nacionais a meros gestores de amplos condomínios territoriais, seriam entregues à competência estrangeira (“internacional”) todas as riquezas do país e não haveria, pois, o que defender, não é mesmo? A lembrança explica muito da atual campanha contra a Petrobrás a partir da investigação de eventos continuados (e antigos) de corrupção.

12.12.2014

Certamente vocês já repararam que, se procuram calças jeans na web, aparecerão anúncios de calças jeans a torto e a direito em qualquer página que visitem. Notaram também que as doutrinas e crenças se manifestam na escolha sistemática de determinadas expressões linguísticas.

Esse estudo sugere que a pesquisa de frequência e a seleção de vocábulos nas mensagens da web pode servir não apenas para identificar psicopatas e sociopatas, como pretende a polícia americana, mas também para identificação do pensamento desviante e de seu percurso social.

Sendo assim, poderia representar a forma elaborada, quase imperceptível e “democrática” de controle social que daria continuidade à tradição dos meios de comunicação de massa dos Estados Unidos.

Foi através do comando articulado da totalidade desses meios que a tensão social motivada pela luta de classes foi desviada para questões existenciais – coisa que se expande agora em nossa sociedade - e os conceitos mudaram de tal forma que, por exemplo, “liberal” passou a significar “comunista” e “democrata”, reacionário.

12.12.2014

Completar a filmagem de “O Velho do Restelo” é o último dos projetos do cineasta português Manoel de Oliveira e é provável que ele, aos 106 anos de idade, não consiga realizá-lo.

No entanto, o pedaço de “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, em que um velho discursa à esquadra portuguesa sobre a loucura de um país tão pequeno lançar-se à conquista do mundo, é o enredo que mais bem cabe às reflexões de uma vida tão longa quanto a de Manoel, vivida em tempo marcado pela esperança, tanto quanto pela insensatez.

A crítica de conteúdos literários aplicada ao poema de Camões acusa o trecho de expressar o pensamento conservador, saudoso da mesmice medieval; cumpre, assim, o mandamento do historicismo marxista que vê sempre com viés positivo o discurso que aponta para o futuro e, negativo, o que pondera o passado.

Quando li o poema, tive impressão diferente: pareceu-me mais a premunição do desastre que sobreviria para Portugal exatamente pelo excesso de ambição, pela perda de equilíbrio que acontece nos saltos exagerados - e eu era bem moço quando li..

O viés de pessimismo nesta entrevista do cineasta tem também dois significados: espelha uma frustração que é a de nós todos, que tanto esperávamos, mas também uma ponderação e um aviso a quem espera demais da História, para que não se frustrate adiante,

11.12.2014

Não li o relatório da Comissão da Verdade e não vou ler.

Não quero lembrar-me de coisas tristes que vi de perto, intensamente. Não tenho mais estômago.

No entanto, constato que essa relação mistura estações.

Colocar no mesmo saco torturadores sádicos e personagens como o Brigadeiro Eduardo Gomes,

patrono da Aeronáutica, ou o General Ernesto Geisel, que colocou em risco sua condição de presidente da República para prender pessoalmente o comandante linha dura do II Exército, é descabido.

Suspeito das intenções por detrás disso.

São níveis de responsabilidade e contextos diferentes.

Ainda aí, não vale o “domínio do fato”.

Acredito que o relatório cite os nomes e estabeleça as distinções; no entanto, o que quase todos vão guardar na memória é o simplismo dessa lista,

A mistura não contribui para relatar com clareza o delírio de sadismo e estupidez que tanto dano causou à sociedade brasileira e às próprias forças armadas, empolgadas em uma fantasia ideológica na qual em nenhum momento souberam distinguir os reais inimigos.

10.12.2014

A. O problema nunca é aquilo em que as pessoas acreditam, mas a carga de tolerância ou ódio que acompanha suas crenças políticas ou fé religiosa. Não há raça superior a outra, nem deus melhor que outro e nenhuma doutrina se pode afirmar a única verdadeira: é a lei suprema do convívio humano.

B. Antigamente se dizia dos jornais populares que, se espremesse pingava sangue. Agora, não é preciso espremer jornal algum eles babam de ódio espontaneamente.

C. Ou você lê o que se publica na mídia com cuidado e senso de crítico ou vira um revoltado online.

09.12.2014

Às vezes penso que uma catastrófica guerra nuclear mundial teria sido melhor do que essa destruição em capítulos, país após país, enquanto ações imperiais, jogando uns contra os outros, promovem a eclosão de fanatismos e a erosão das consciências, a caminho de uma dominação global que inevitavelmente será sentida como tirania.

O jornalismo, serviço público incumbido de fazer trafegar informações, promover o entendimento entre as pessoas e o debate racional dos grandes temas, faleceu nesse processo.

09.12.2014

O esquerdismo, tanto quanto o direitismo, tende a cegar a visão do geral quando concentra o foco em um particular que lhe parece odioso.

É o que ocorre nesse caso da Danuza Leão, de seu processo contra a Folha de São Paulo e do pedido de isenção das custas de mil reais – coisa formal e comum em casos do gênero na Justiça do Trabalho..

Danuza, filha de Leão Gondin, chefe dos Diários Associados no tempo de Chatô, foi mulher de Samuel Wainer, fundador de Última Hora, o único jornal (uma rede nacional, 700 mil exemplares diários) que apoiava Getúlio Vargas e João Goulart. Teve filhos: Samuel, Pinky. Escreveu livros em que conta sua vida e expõe suas ideias. Faz 81 anos em julho.

Há pouco tempo, escreveu, na coluna que mantinha na Folha de São Paulo, um artigo tolo e inoportuno em que deixou transparecer o que sempre foi: uma moça (modelo na década de 1950), mulher e senhora com arraigados e inamovíveis traços da granfinagem original.

Criticaram-na por isso. Fizeram bem.

Voltam à carga, mas em contexto diferente. Ela, agora, merece nossa solidariedade.

Durante 13 anos, Danuza Leão trabalhou para a Folha de São Paulo, que a pôs no olho da rua sem indenização com base numa legislação safada que sonega os direitos previstos em lei para os trabalhadores, transformando cada jornalista numa empresa de araque que emite notas fiscais frias para que os patrões possam sonegar as contribuições para a Previdência Social, com as quais, como empresários retrógrados que são, jamais se conformaram.

Perdeu a ação em que pretendia receber o que achava ser (e, moralmente, é) de direito.

Todos perdem no tapetão para a Folha de São Paulo, que notoriamente usa o poder da mídia para impor interesses, vontades, manias, desejos e fantasias de seu dono.

Aí, vem a esquerda e vaia em coro a velha senhora.

Sem noção.

08.12.2004

Com sete medalhas de ouro, o Brasil conseguiu um feito inédito: tornou-se ontem, em Doha, no Catar,

campeão mundial no torneio de natação em piscinas curtas.

A grande mídia brasileira deu destaque mínimo a isso. Noticiou rapidinho, poupou imagens, escondeu logo. Um colunista chegou a descobrir um critério só dele, pelo qual todas as medalhas (ouro, prata, bronze) têm o mesmo valor; feita essa alquimia, apontou como campeão, não o Brasil, mas os Estados Unidos, o que, na ideologia dominante, “é o normal”.

Sabem por que essa esnobação?

Em primeiro lugar, porque a natação é financiada pelos Correios, logo pelo governo federal, logo por Dilma, a demoníaca inimiga número um do patrão.

Segundo porque, como o governo federal paga para informar sobre qualquer coisa que faz, nenhum jornalista se sente seguro para noticiar algum feito que lhe possa valer a pecha de estar levando algum por fora.

Terceiro, porque é ponto pacífico, pedra angular do *style book* não publicado dos principais veículos, que, sendo coisa de brasileiro, não pode dar certo.

07.12.2014

Demissões, acordos de dispensa voluntária. No New York Times e por toda parte.

O jornal-papel desaparece aos poucos e não se sabe bem como será a era do online puro: que espaço (econômico) restará aos produtores de porte diante de seus concorrentes menores, mais ágeis, criativos e setorizados (por público, por ideologia, por tema), num negócio de custo de veiculação zero? Quanto tempo durará a mística das marcas famosas como veículo de notícias, sem o papel de todas as manhãs? E que espaço (político) restará aos produtores em geral diante dos virtuais monopólios que se formam no setor de máquinas de busca; serão esses os novos senhores da opinião pública - gatekeepers, agenda setters? E a veiculação direta pelas principais fontes?

06.12.2014

Um sesquicentenário que não se pode festejar.

Começou há 150 anos, oficialmente, a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai: tropas paraguaias invadiram, praticamente sem resistência, o grande vazio do Centro-Oeste brasileiro.

Dito assim, conclui-se que o Paraguai “começou a guerra”.

Meia verdade. O Brasil invade antes o Uruguai, com que o Paraguai mantinha aliança solidária, e depois seu governo constitucional. A invasão foi um revide.

O novo governo uruguaio, empossado após a invasão, uniu-se à Argentina e ao Brasil contra o Paraguai.

Quando as tropas imperiais do Brasil reagiram, os paraguaios recuaram até sua fronteira e a paz parecia o mais provável, em que pese a resistência de tropas paraguaias isoladas e aparentemente autodeterminadas em Uruguaiana, Rio Grande do Sul – logo derrotadas.

Aí, quem foi invadido foi o Paraguai. Lutou bravamente, sob o comando de seu líder nacional, Francisco Solano Lopez: perdeu 300 mil homens e 40% de seu território; ficou sob ocupação por dez anos; pagou pesado tributo até o final da década de 1930.

Tornou-se um país pobre. Era, pelo contrário, próspero e tecnologicamente o mais desenvolvido da América do Sul, com suas aciarias, estaleiros e uma tradição fabril herdada dos Sete Povos das Missões Guaranis.

O que levou a esse desfecho? Por que não se fez a paz quando possível e esperada?

Certamente, o Paraguai era um ponto fora da curva do projeto dos bancos ingleses, que então controlavam o mercado (e a política) argentina e se empenhavam em frustrar os sonhos brasileiros de desenvolvimento autônomo personificados em Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá.

Isso explica as maquinações inglesas, descritas, entre outros documentos, nas entrelinhas da obra do General Tasso Fragoso sobre a guerra: uma conspiração diplomática movida a libras no cenário portenho que custou 50 mil vidas de brasileiros e mudou bastante nossa história, para o bem ou para o mal. Mais um caso em que alguns traidores e uma boa propaganda comandam morticínio inútil.

Para dar uma ideia, o episódio da guerra, que teve enorme custo econômico, tornou-nos mais dependentes, porém moldou as forças armadas brasileiras, ampliou o movimento pela libertação dos escravos e deu origem a uma diplomacia profissional de qualidade no Brasil.

O conselho que dou é que estudem história do Brasil inserida no contexto da América, com amor à pátria mas sem patriotadas.

Assim saberão, de fato quem são nossos temíveis e reais inimigos.

03.12.2014

Se há uma rua de doidos nesse mundo é a Avenida Rio Branco., no Rio de Janeiro. Muito larga quando foi aberta, no começo do Século XX, logo ficou estreita demais. Tiraram o jardim do meio e, bem depois, implantaram a mão única. Há uns 40 anos, quando eu trabalhava por ali, já costumava aproveitar o fim de tarde para ler na Biblioteca Nacional, porque não havia outra coisa a fazer. Sair ileso do centro, só depois das 20h. Nas últimas vezes em que estive no Rio, diverti-me vendo aquele inédito desfile de de centenas de ônibus uns fechando os outros ,estilo carrinho de choque em parque de diversões, enquanto automóveis e motos kamikazes se esgueiravam e táxis (são muitos, e espertos) paravam só junto da calçada da esquerda. Soube que estão esburacando a velha Avenida Central para embutir os cabos do futuro VLT que irá do Santos Dumont à Rodoviária (28 km), com 42 paradas em seis linhas. Será a civilização, enfim. Até lá, deve estar dando uma aporrinhão do cão.

02.12.2014

De tanto me irritar com a cultura mal traduzida na academia, nos jornais e na salas de espetáculo, decidi neste fim de ano voltar ao país da minha juventude. De graça e com os recursos, é claro, da modernidade

.Hoje foi a vez da música. Computador ligado à TV e ao som, ouvi, primeiro, peças de Ernesto Nazareth por Artur Moreira Lima ao piano.

No intervalo, li uma entrevista de Edgar Roquete Pinto, em 1953, alertando para o extermínio do passado cultural indígena de todos os nativos e mestiços de nativos que se integraram à civilização e que a nova antropologia decidiu que, sendo pardos, são negros.

(É que, acho eu, a teoria veio dos Estados Unidos e, lá, os índios foram fisicamente desintegrados antes de se integrar a coisa alguma; restaram alguns, confinados e sempre lembrados no recrutamento militar)

Sem me perturbar com essa opinião politicamente muito incorreta, ouvi e vi a Orquestra Sinfônica Simón Bolívar, regida por Roberto Tibiriçá, executar na íntegra as Bachianas número 4, de Heitor Villa Lobos..

Na sequência, pela Filarmônica de Berlim, regida por Gustavo Duhamel, num espetáculo ao ar livre para 20 mil pessoas, a Ária das Bachianas número 5, com solo da soprano Ana Maria Martinez (há na rede uma versão de interesse histórico, na voz de Bidu Sayão).

Como bis desse programa de consagrados sucessos, vi e ouvi a Orquestra Juvenil da Bahia em Tico-tico no Fubá, de Zequinha de Abreu.

Deve ter sido o ritmo dessa última performance que me fez lembrar de uma canção, velha de uns 30 anos, em que, pelo bastão de Xangô e o caxangá de Oxalá, o filho Brasil pedia bênção à Mãe África - coisa cada vez mais difícil, agora, quando se prega o rancor (e a herança das culpas) como motor da História.

Apesar disso, melhorei meu humor.

01.12.2014

Na mídia, a sociedade em si confina-se às páginas de economia, onde a descrevem pela ótica dos bancos, em PIB e dividendos. Resta, nas novelas, seriados e no grosso das notícias, a solidão do eu-consumidor e suas angústias. Gente tão insegura que quer ser bela para os outros ou tão narcisista que se embeleza para si mesma; tão ansiosa por sexo que desdenha o amor ou, pelo contrário, tão fixada no ser amado que não se permite desejar qualquer outro; tão alegre quanto se mostra nas redes sociais ou tão deprimida como a descrevem na intimidade; tão insegura que disfarça o medo de viver com o temor do fim do mundo. Vítimas, bandidos e policiais.

É certo que muitos se enquadram nesses rótulos, até porque são atitudes-padrão que se oferecem nos discursos sociais. Desde que o Papa Gregório I implantou, no século VI, a escala musical de oito notas, desprezando intervalos microtonais, ficou claro que o código delimita o universo mental dos homens, o que fez Barthes escrever que “a língua é fascista”.

O *script* da modernidade corresponde aos produtos da vitrine, dos cosméticos à celulite, da roupa sensual à cueca para rapazes de pinto pequeno; do seguro de vida ao risco dos transgênicos e do aquecimento global. Sempre nos extremos.

No entanto, no mundo real, aquele que não costuma estar nas novelas e nos jornais, a maioria das pessoas não faz tipo, torce e vota com moderada paixão, usa trajes convencionais, evita confusão, gasta a maior parte do tempo cuidando da sobrevivência e não pensa na própria morte porque ela é, de vez em quando, tentação perigosa.

Se a média estatística dos homens não corresponde à mediana dos diários e da TV – o cara parrudo, a mulher gostosa, o desviante radical (tarado, crente, bicha), o petista, o coxinha, o estressado etc. – não seria mais razoável falar da sociedade buscando-a no mundo real, e não nos modelos disponíveis?

Em suma, fica a ideia para os repórteres da Internet: olhar o mundo com a pureza dos que querem aprender com ele – ou seja, noticiar a normalidade. É menos chato do que parece.

30.11.2014

A preservação de ambientes naturais tornou-se fé religiosa com seus fanáticos, dos quais alguns botânicos e agrônomos. A noção de “seres vivos exóticos” - plantas, animais - aplica-se aos transplantes agressivos e não adaptados; é o caso de pragas, como o mexilhão dourado, ou de espécies importadas para uso econômico em monocultura, como os híbridos de eucaliptos o *Pinus eliotti*. Não pode ser estendida, como fazem os fundamentalistas, ao número enorme de espécies adaptadas com tecnologia portuguesa, desenvolvida no Jardim Zoológico de Ajuda, em Lisboa, no Século XVIII e introduzida no Brasil, principalmente, após a fundação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelo príncipe João, o regente, em 1808.

São centenas ou milhares de espécies, de uso econômico ou ornamental, há muito integradas à paisagem (aos biomas) - e que já o eram quando a Floresta da Tijuca, no Rio, foi plantada pelo Major Archer e seus onze escravos, no reinado de Dom Pedro II. Não sei se é o caso da jaqueira que o Instituto Chico Mendes quer sacrificar em Santa Teresa, no Rio, mas as que havia no quintal da minha avó davam-se bem com a grande caramboleira, os pés de tamarindo, de manga carlota, jabuticaba, abio e até com uma peroba. A aversão indiscriminada a seres oriundos de outras partes do mundo parece ser projeção de racismo ou xenofobia.

27.11.2014

O jogo está escancarado.

O que se disputa é o Brasil.

A campanha midiática mobiliza a mídia comandada pela Sociedade Interamericana de Imprensa através de organizações corporativas nos moldes das “associações nacionais” de jornais e de emissoras de rádio e televisão - destacadamente, as empresas sempre fiéis, como as Organizações Globo e o que restou dos Diários Associados.

Os recursos fluem através dos mecanismos hegemônicos de financiamento e patrocínio publicitário implantados nos últimos 60 anos por toda a América Latina; para isso, foram cooptadas lideranças políticas ambiciosas dos estados mais industrializados no quadro do “desenvolvimento dependente”. Numa sociedade em que todos os negócios têm comissões e que a corrupção é generalizada - embora até se venha reduzindo nos últimos anos - , cuida-se de demonizar seletivamente as empresas brasileiras mais importantes e detentoras de tecnologia com expressão internacional.

Trata-se, como de outras vezes, de minar o poder nacional brasileiro, intimidar sua eventual base de suporte econômico; o objetivo, agora, é, tomar posse integral dos minérios e do bioma amazônico e, com maior urgência, do subsolo do Atlântico que a Petrobrás começou a explorar - o petróleo do pré-sal e muita coisa mais.

Para esse assalto, há traidores bastantes; uma esquerda cega que sonha impossível “revolução já”; bacharéis carreiristas; vigilantes que imitam super-heróis; e forças armadas de caça-fantasmas perseguindo um comunismo de araque que já foi trabalhismo e agora é bolivarianismo

25.11.2014

Os cursos de comunicação (e os de pedagogia, direito...) sempre foram atulhados de ideologia. No caso, pelo menos desde que a CIA, preocupada com a repercussão da revolução cubana na América Latina, aplicou na década de 1960 uma vacina poderosa, selecionando e espalhando, no meio acadêmico, textos da Escola de Frankfurt considerados marxismo inócuo – de fragmentos da Dialética do Iluminismo, de Adorno-Horkheimer (que denunciam não o capitalismo, mas a “sociedade industrial”, isto é, toda modernidade, a partir das raízes conceituais gregas) até “A obra de arte no tempo de sua máxima reprodutibilidade”, de Walter Benjamin, grito de horror de um intelectual *old style* diante da gravação de som e imagem e da arte *in absentia* (para não incluir o livro, ele omitiu, entre as artes, a literatura).

Depois de discutir currículos de jornalismo por meio século, enfrentando o exército de convertidos - os que são contra tudo, portanto a favor de nada -, jurei nunca mais dar palpite no assunto.

No entanto, agora, vejo, no primeiro semestre do projeto de currículo de um curso de jornalismo de boa escola, a disciplina (!) Sustentabilidade.

A palavra está na moda. Pode conter algum conhecimento verdadeiro. Só que ainda não se sabe: para ela convergem hipóteses e teorias que têm em comum o escondimento de megainteresses dos setores que comerciam alimentos e minérios – suspeita-se que um esforço a mais para impedir que novos comensais se sentem à mesa do banquete dos países ricos.

Os defensores dessa nova “ciência” - não conhecimento, mas projeto de mudar o mundo - virão, não com provas (que não as têm conclusivas), mas com evidências, como no mensalão ou no lava-jato, e com providenciais argumentos *ad verecundiam* – de autoridade.

No entanto, evidências maiores havia, e poderosas quando, no quadro de intensa recessão europeia da segunda metade do Século XIX, fomos convencidos de que a imigração de excedentes de trabalhadores brancos “melhoraria a raça” neste país que não se desenvolvia “por causa da indolência dos índios e da boçalidade dos negros” - não, evidentemente, das manobras financeiras da City.

A base desse discurso era a superioridade dos brancos, comprovada pela riqueza da Europa e sua expansão pelo mundo. Demonstrava-se isso à saciedade, pesando ossos, brandindo estatísticas, medindo crânios, aplicando testes de inteligência... Estava nos melhores livros, nas mais celebradas universidades, proclamavam os maiores sábios em dezenas de congressos.

Até hoje lutamos com o lixo que restou dessa pseudociência – não só aqui, mas no mundo todo.

23.11.2014

Pode parecer estranho a vocês, que há décadas ouvem, bradado em mil vozes, o discurso da globalização, mas:

os negros, os índios, os judeus, os ciganos, os armênios, as bruxas etc. têm direito a vida digna porque são seres humanos, não porque alguém deva nada a eles, culpas não se herdam, morrem com os culpados.

cultivar ressentimentos por erros e canalhices do passado, que outras pessoas cometeram contra outras pessoas é, além de bobagem, forma de prolongar conflitos que já se deveriam ter superado. pedir desculpas é um modismo sem sentido. Não muda nada.

o que se pode fazer, de boa fé, é tentar eliminar os prejuízos que esses erros e canalhices causaram aos descendentes de suas vítimas; e lutar, também no plano das ideias, para que não se repitam. Isso se aplica à Inquisição, ao nazismo, à escravatura, aos pogroms e às carnificinas em geral,

21.11.2014

Não se pode misturar as coisas.

Todos os países constroem seu poder econômico sobre setores empresariais cuja tecnologia e gerência dominam.

É o caso da construção civil no Brasil. A partir da arte de construir barragens (antes de poucos países: Noruega, Rússia..), que aprendeu na obra da Hidrelétrica de Paulo Afonso, no segundo governo Vargas, e seguiu com as rodovias de Juscelino e a construção de Brasília, o Brasil criou um complexo de empresas que hoje operam em dezenas de países com boa competitividade..

O surto de crescimento da década de 1970 - o “milagre brasileiro” - durou pouco, mas serviu para consolidar esses empreendimentos. Nos anos seguintes, houve certa depuração de gente que tentou tomar o barco sem saber remar. Procurem e acharão na lista das falências mais rumorosas das décadas de 1980 e 1990.

A corrupção é outro departamento.

Ela existe com empresas nacionais ou estrangeiras. Estas são as que pagam com maior facilidade e de maneira discreta e eficaz, porque diretamente em paraísos fiscais, por descaminhos que jamais se acham.

A propósito, é bom registrar que a ponte Rio Niterói, exemplo sempre citado de obra superfaturada durante o regime militar, foi construída com financiamento do banco Rotschild (a rainha Elisabeth veio para o início da obra) e as estruturas de aço feitas na Inglaterra.

21.11.2014

Quando eu era menino, tínhamos um clube de montanhismo e, associado a ele, um cineclube.

Começou com filmes de escaladas de montanhas, depois abriu geral, de Charles Chaplin a Laurence Olivier.

Os filmes de longa metragem em 16mm vinham em quatro rolos.

Os rótulos não indicavam a duração. Para saber, íamos direto ao quarto rolo e medíamos o diâmetro.

Armamos uma regra de três que dava sempre certo.

Pois é.

Meu filme está no quarto rolo. A ação ficou um pouco mais lenta, sei como a fita acaba, mas o suspense permanece sobre o quando e o como.

Gosto de responder, um por um, a quem me escreve no Facebook.

No entanto, não dá: já são bem mais de 500, até agora, os que me cumprimentam pelo aniversário - gente que eu conheço pessoalmente, que eu não conheço pessoalmente, que não sei se conheço pessoalmente.

A todos, muito obrigado e um grande abraço.

Se houver fotogramas bastantes, faço 79 anos nessa mesma data, ano que vem.

Honestamente, não imaginei que chegasse a esse ponto.

20.11.2014

Sempre que vejo um grupo de tolinhos defendendo a volta do regime militar em nome do combate à corrupção, lembro-me de um vizinho que tive na Ilha do Governador, naquela época.

Era um rapaz português, tipo empresário moderninho, que vendia por atacado alguns produtos, entre eles papel higiênico. Contou-me, entristecido, que ia abrir mão de um de seus maiores clientes, o Hospital Central do Exército.

É que, no começo, exigiam dele propina de dez por cento: então, entregava 900 mil rolos e faturava um milhão de rolos. Aí, mudou o capitão da Intendência e as entregas baixaram a 800 mil rolos. Mudaram vários capitães, até que, para um milhão de rolos, queriam que entregasse 400 mil. Dava na vista. Os praças que descarregavam o caminhão riam na cara dele.

"E o pior é a humilhação", queixou-se. "Quanto mais levam, mais gritam com a gente, ameaçam, botam banca..."

Deem autoridade a um ladrão e ele será autoritário e ladrão.

17.11.2014

A associação entre o Estado e o cartel de empreiteiras - que precede, envolve e sucede os episódios que estão sendo apurados na Operação Lava-Jato - data, provavelmente, do governo Collor, mas suas bases começaram a ser construídas na década de 1950, quando o Brasil se habilitou para grandes obras de construção civil, a primeira das tecnologias industriais e competências organizacionais que desenvolveu em áreas industriais (para dar um exemplo, outra, mais recente, é a da indústria aeronáutica). Se tivesse que indicar um ponto de partida, lembraria a Hidrelétrica de Paulo Afonso. Errado? Pois saibam que foi assim que o capitalismo se implantou no mundo todo. As expedições portuguesas que contornaram a África a caminho das Índias, os exércitos de celerados espanhóis que pilharam os impérios da América, a Companhia das Índias Ocidentais Holandesas que dominou Pernambuco por algum tempo, os empreendimentos coloniais franceses na África foram, sempre, parcerias público-privadas, em que o público se fez privado. Os castelos, os palácios, os fastos da nobreza nos séculos XVII e XVIII revelam para onde foi a contrapartida - "as comissões" - dos negócios.

Nada mudou nos tempos modernos. Das guerras do ópio, em que o vício foi imposto à China, gerando grandes negócios, para equilibrar e inverter a balança comercial com a Inglaterra, ao menor avanço do império inglês, "onde o sol jamais se punha", esteve o suor dos súditos da rainha, sugado em benefício dos barões da City.

Ainda neste século, no final da década de 1910, o Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, reuniu as grandes empresas americanas em uma assembléia - o Conselho de Relações Exteriores - que até hoje orienta a gestão dos negócios imperiais do país, associado aos europeus no Clube, Círculo, Grupo ou Concerto de Bilderberg. (que se reúne anualmente desde 1954) e aos grupos empresariais japoneses na Comissão Trilateral idealizada por David Rockefeller (1973).

E o pior: o país que não desenvolve o seu capitalismo será engolido pelo capitalismo dos outros; desenvolvê-lo em bases morais, com amplo conhecimento público e sem episódios equívocos como o que agora se apura é algo, decerto, sem precedentes.

Que horror!

16.11.2014

Para não dizer que essa matéria é imbecil, o que seria indelicado, direi que ela é estulta, o que é a mesma coisa mas soa melhor.

A notícia é que Dilma reconhece o direito de manifestação, mesmo a seus mais radicais opositores. No entanto, isso a apresentaria em um ângulo simpático,

É tudo que o patrão não quer.

Então, o esperto jornalista enviado à Austrália dá um jeito de armar um lead negativo. Diz que ela não concorda com o teor do discurso dos que querem o seu impeachment. Ora bolas, é o óbvio: como poderia concordar?

15.11.2014

Com a Europa e o Japão estagnados e a China crescendo menos ("só" 7,4% este ano), a economia mundial desaba. Países como a Rússia, o Irã e o Brasil, fortemente dependentes da exportação de commodities (cujo preço caiu 15% nos últimos quatro meses) freiam subitamente. Muitos comentaristas internacionais atribuem aos Estados Unidos - que assumiram no grito o controle do petróleo da Líbia e do Iraque - parte da responsabilidade por esse processo: com o apoio decisivo da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes, cuidariam assim de cortar as fontes de sustento de seus "inimigos" russos, iranianos, venezuelanos e agora também, brasileiros, estes tão esperançosos nas reservas do pré-sal. Contariam os americanos com a grande produção de seus campos de fracking de xisto que, no entanto, têm duração limitada. Esse editorial do New York Times não corrobora tal versão. Adverte, porém, que a bonança que a queda dos preços traz à economia dos cidadãos americanos é enganosa: em breve, assegura, a recessão desembarcará na América, que mal se recuperou da crise de 2008

14.11.2014

Com essas periódicas minimanifestações pelo país, os golpistas experimentam à sua maneira a teoria dos focos insurrecionais, que andou em voga nos anos 1960, empolgou Che Guevara - e não deu certo. Acreditam que o golpe se espalhará "como fogo no capim seco"; era a metáfora vulgarizada, na época, por Régis Debray, para a projetada revolução camponesa.

12.11.2014

A verdade é que a postura de confronto que os Estados Unidos sustentam com relação a Cuba há mais de 50 anos prejudicou imensamente Cuba, mas agora começa a prejudicar os Estados Unidos. Em primeiro lugar, porque Cuba resistiu. E, resistindo, desenvolveu uma cultura espartana mas autossustentável, descobrindo nichos insuspeitados, como esse da exportação de serviços médicos: ela expõe, de forma constrangedora, a fragilidade do portentoso complexo farmacêutico-industrial americano, voltado para curar as doenças de quem pode pagar, em detrimento da saúde de quem pode e de quem não pode.

Em segundo lugar porque, pouco a pouco, Cuba foi fazendo aliados políticos (a quase totalidade da Assembleia Geral da ONU) e parceiros econômicos. Estes - europeus e asiáticos, com o Brasil no meio, apesar da quinta-coluna interna - ambicionam espaço em lugar estratégico no Caribe, tão perto de todos os mercados, agora que se implementa a duplicação e ampliação dos canais que unem o Atlântico e o Pacífico.

Os Estados Unidos têm que considerar o que mais interessa: manter a postura imperial para agradar patriotas de bandeirinha e cubanos de Miami, ou priorizar os negócios, como é da natureza de seu capitalismo.

14.11.2014

Li, por alto, só para informação superficial, o despacho do juiz na Petição de Busca e Apreensão proposta pelos procuradores da Operação Lava Jato.

Parece comprovado o pagamento de comissões relacionadas a obras pagas com dinheiro público - se entendermos como "público" o dinheiro de sociedades anônimas controladas pela União, como é o critério no Brasil.

São montantes vultosos, porque se trata de obras gigantescas, mas o valor porcentual das comissões intermediadas pelas empreiteiras é, no máximo, de 3%.

Em toda minha longa experiência, jamais ouvi falar de algum contrato de vulto, disputado por fornecedores, que não embutisse comissões, geralmente em porcentagens maiores. Quando da construção da ponte Rio-Niterói, no tempo da ditadura, falava-se em 15%.

Quando se compra algo para o governo - e também para grandes empresas - é comum perguntarem quando se quer "por fora". É praxe, nos melhores restaurantes, o garçom consultar os fregueses com jeito de executivos sobre o quanto a mais querem na nota - e nunca oferecem menos de 10%, numa espécie de gorjeta às avessas.

De forma talvez menos explícita, isso ocorre no mundo todo. Pagam-se comissões em festas privê, em

viagens de turismo, em favores vários; aos mais, digamos, honestos,, em honrarias e comendas, até em prêmios do tamanho do Nobel; muitas vezes em dinheiro mesmo, como foi o caso do metrô de São Paulo, um escândalo tucano, portanto discreto.

Todo crime contra o patrimônio de alguém - mais ainda de empresas públicas - deve ser punido e uma investigação a respeito pode pavimentar o caminho para a eliminação dos fatores - culturais ou políticos - que determinam sua existência. A montanha de dinheiro deve ser devolvida com multa, os responsáveis castigados.

.O que os 2 ou 3% não justificam é a paralisação de um conjunto enorme de obras e a promoção de uma crise institucional.

13.11.2014

O Supremo Tribunal Federal julga autoridades de alto escalão de uma listagem conhecida. Os demais cidadãos são julgados em instâncias inferiores.

Mas houve um caso - um só - em que esse procedimento não foi respeitado e, como não se fez antes e não se faria depois, o STF decidiu julgar todos os acusados em um processo.

No mesmo caso, alguns dos réus arguíram que determinada parte do processo demonstrava a inocência deles; essa parte foi excluída.

Ainda neste caso, o tribunal, para impor condenação "exemplar"(!), importou teoria jurídica inovadora, adotada uma única vez - nunca antes ou depois, embora o autor da teoria discorde da propriedade de sua aplicação.

Afora esse episódio, que a mídia considera o padrão da boa justiça, ministros do tribunal falam pelos cotovelos aos jornais e opinam sobre todos os assuntos, estejam ou não em sua alçada; emitem habeas corpus para banqueiros pegos em falcatruas e perseguem quem teve a ousadia de acusá-los; facilitam a fuga do país de bandidos ricos.

Em instâncias inferiores, todos os casos de que me lembro em que se envolveram pessoas das oligarquias ou de posses - seja tráfico de órgãos ou de drogas, qualquer forma de corrupção ou fraude - emperraram em algum lugar, pararam em alguma gaveta ou foram arrumados, em algum momento, de modo que se infringiram regras processuais e os processos foram anulado. Em último caso, as penas dos intocáveis prescreveram.

Como, então, multar um juiz simplesmente porque estava bêbado, dirigindo seu carteira em um carro sem placa?

13.11.2014

Por décadas e décadas, o jornalismo americano foi apontado como modelo de sistema de informação pública capaz de divulgar "tudo que merece ser divulgado", como propõe, numa tradução discutível, o lema do New York Times.

Chegou a ser mais ou menos assim.

Não é mais. E quem lamenta isso é, quem diria, a imprensa chinesa. Logo os chineses!

Sob o comando das grandes corporações, que, organizadas, são o verdadeiro governo do mundo, e da administração Obama, que executa suas determinações com rigor exemplar, a censura chega, o palanfrório esconde os fatos e a credibilidade vai embora.

Assange, Snowden, crise de confiança.

É de fato um tempo estranho.

12.11.2014

Ao longo da vida, assisti a três ciclos de acelerado crescimento econômico no Brasil, cada um deles com suas peculiaridades e sua mística.

O primeiro, nos anos 1950, caracterizou-se pelo início da industrialização e pela ocupação do vazio territorial do Centro-Oeste. Sua expressão maior foi o plano de metas de Juscelino Kubitschek; no nível simbólico, época de euforia, em que o Brasil se descobria e tudo parecia possível.

O segundo ciclo ocorreu sob a ditadura militar, na década de 1970. O marco foi a fantástica expansão da fronteira agrícola. A exploração do petróleo subaquático no mar territorial e a energia renovável do álcool combustível pareciam a resposta adequada à crise do petróleo. Esgotou-se por falta de liberdades e refluíu na medida em que estas se recuperavam, em parte.

O terceiro ocorre há onze anos. De comum com os anteriores, o investimento em infraestrutura, a tentativa de recuperação da independência em setores estratégicos e a utilização da máquina do Estado para impulsionar a economia. Como traço dominante, o imenso esforço para distribuição da riqueza nacional entre classes sociais e regiões.

Entre um ciclo e outro, aflorou o pessimismo e a autoflagelação típicos da cultura brasileira, inconformada com sua originalidade e saudosa da confortadora decadência europeia. O impulso masoquista nasce nas elites e se esparrama pelas ruas mais iluminadas..

10.11.2014

Se Clovis Rossi é, como escreve Luís Nassif, o termômetro dos humores patronais na Folha, sua longa sobrevivência na empresa o habilita como espécime bem sucedido de jornalista-camaleão, aquele que como se orgulhava Evandro Carlos de Andrade, sustenta com firmeza a ideologia do papismo.

Mas por que importam tanto os humores - coração, cabeça, estômago - do empregador?

O princípio que determina isso aí é a imposição, pelos cientistas sociais e pelos centros de poder empresariais, da tese de que não existe objetividade. Partem do conceito particular dessa palavra, que implicaria a exclusão da subjetividade e a omissão do contexto. A meu, objetividade é uma intenção ou um objetivo que se tenta atingir, filtrando a subjetividade e tentando compreender o contexto. Um nobre ideal do ofício.

Filosófico, não é? Semiológico, eu diria, solitariamente convencido de que jornalismo não é, não foi e jamais será mera ciência social aplicada, da mesma forma que engenharia não é matemática aplicada nem a medicina pura aplicação da biologia.

Busquemos, então, o ponto de equilíbrio que Clóvis, no colorido camaleônico atual (ou na expressão atual de seu papismo), persegue nesse artigo.

Está errado dizer que os homens não devem se enrolar em bandeiras. Podem, sim, enrolar-se em várias bandeiras: as das paixões partidária, religiosa ou filosófica, desportiva, teatral, musical, cinematográfica etc., vestindo-as junto ao corpo; e da objetividade, por cima, como uniforme de trabalho.

Deve-se, mesmo, preservar os amores, evitando o cinismo ao se perdê-los. Amando, buscar ver o que torna o ser amável menos amável. Por amor, saber que os males mais difíceis de corrigir da país que se ama, da sociedade em se vive, não são aqueles que o artigo denuncia, porém outros, mais profundos, os de caráter, cujas manifestações e consequências cumpre sempre denunciar. Para citar o modelo indiano, a arrogância dos brâmanes, o sadismo dos xátrias, a ganância do vaixás e a alienação dos párias.

Excetuados esses defeitos genéticos e preservado o compromisso com o bem comum, o resto a gente discute. Educadamente, é claro.

08.11.2014

Agora que o lavador de carros me deu seu cartão de visita informando que era 'assessor para estética automotiva', voltei a pensar em um tema palpitante desde os tempos antigos: se os fatos da realidade existem independente de nós, por que os vemos diferentes quando mudamos seus nomes?

É o caso de 'austeridade'. Era atributo nobre, que se dava a coisas benevolentes e sóbrias. Agora é o nome de uma desgraça social promovida por meia dúzia de magnatas para garantir o fausto de parasitas.

Nesse caso (e, creio, em todos os outros) ocorre o avesso do "politicamente correto" Como escreveu Bréal, o fundador da semântica moderna, em 1897, "quando se dá nomes belos a coisas feias, elas não ficam mais belas, eles ficam mais feios".

07.11.2014

Reutilização da água do esgoto urbano, dessalinização da água do mar em Bertioga e seu bombeamento até Cantareira, numa subida de mais de 600 metros: há tecnologia para tudo e sempre alguém disposto a realizar esse tipo de projeto. Pode ser seguro, pode ser bem feito.

Os problemas são outros:

1. O custo. São projetos caros, tecnologias patenteadas, exigências adicionais de segurança e qualidade, típicas de procedimentos ainda pouco experimentados ;
2. O volume. Na escala do que é viável, e considerando o tamanho do problema, são soluções parciais e certamente insuficientes para regularizar o abastecimento.
3. Prazos. Se a incidência de chuvas repetir em 2015 o que houve em 2014, nenhuma dessas obras ajudará em nada a evitar o colapso.

A questão central parece ser a 'dimensão global dos reservatórios, que tem crescido pouquíssimo diante de uma população e um consumo crescentes; a interligação deles é, assim, solução paliativa, até porque os maiores estão comprometidos.

A busca de água em outras regiões, como o Vale da Ribeira, envolve obras de engenharia que já deveriam ter começado há muito tempo.

A estiagem não deve ser atribuída ao aquecimento global ou ao desmatamento na Amazônia porque há registros históricos de índices pluviométricos parecidos - há um século ou mais, quando São Paulo estava longe de ser metrópole.

Nada disfarça a incompetência administrativa e a irresponsabilidade do governo de São Paulo, com sua aposta em chuvas abundantes para sempre.

06.11.2014

O fascismo, que passou a ser estimulado no Ocidente no quadro do atual conflito ideológico, intimida e consegue notoriedade com atitudes radicais surpreendentes e ações violentas de grupos organizados. Conta com o escândalo causado por seus líderes e porta-vozes para obter popularidade, à custa mesmo dos que os criticam, e, assim, capitalizar toda sorte de descontentamentos.

Esse comportamento é imitado por grupos radicais de esquerda, o que disfarça a natureza conspiratória do movimento fascista, sempre bem organizado e financiado.

As vítimas preferenciais são pessoas que não se enquadram, por algum aspecto (etnia, vestimenta, comportamento) no padrão médio da sociedade, de homossexuais a mendigos, de orientais a nordestinos, de prostitutas a estrangeiros.

Os artistas e os defensores de atitudes socialmente liberais e economicamente distributivas são alvos eletivos para a definição ideológica dos movimentos fascistas.

Eles buscam, no primeiro momento, associar-se a demandas populares, como aconteceu, no Brasil, no surto de agitações de junho de 2013, que deu início à campanha de sucessão presidencial.

O nacionalismo, no sentido étnico que esse conceito tem na Europa, é traço marcante do movimento.

Manifesta-se na perseguição aos judeus (na Alemanha, no período nazista), aos ciganos (na França e Espanha), aos muçulmanos (na Inglaterra e França) ou aos falantes do russo (na Ucrânia).

Quando de seu transplante para a realidade multiétnica do Brasil, nos anos de 1930 (período do integralismo), o traço etnicista foi substituído pela recuperação de suposta mitologia indígena (tomaram a saudação "anauê" do idioma tupi). Presentemente, reaparece na região de colonização italiana e alemã - o Sul.

Em São Paulo, marcadamente, o discurso fascista reflete a influência da extrema direita americana, que também se manifesta no viés internacionalista de seu "nacionalismo".

O universo em que atuam, hoje, os grupos fascistas é o dos skinheads e black blocs, como, no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial, foi o dos camisas pardas alemães ou os camisas negras italianos.

Costumam operar em ações limitadas no tempo e hibernar enquanto seus aliados ostensivos mantêm o clima ideológico adequado a sua atuação.

04.11.2014

Os jornais brasileiros, que têm, em geral, cobertura internacional medíocre, pouco dão conta de duas implicações relevantes de fatos ocorridos nos últimos dias: o fim da era Obama, com a perda do controle do senado pelos democratas; e o desmonte previsível, em decorrência da crise econômica, da tradicional disputa de poder entre dois partidos de centro na Europa.

O primeiro passo nesse sentido foi dado na Espanha, onde a indignação popular inflou um novo partido, que tomou o nome da promessa descumprida de Obama - Podemos = We can; a mídia espanhola está assustadíssima

Essas duas novidades vão, acredito, marcar os próximos episódios dessa apaixonante novela.

01.11.2014

É mais do mesmo.

A república do Galeão, há 60 anos, preparou o golpe que Getúlio abortou ao suicidar-se. Tentaram com Café Filho. Derrotados na ridícula aventura do cruzador Tamandaré, conspiraram contra Juscelino e promoveram os levantes de Aragarças e Jacareacanga, com o objetivo de manter acesa a chama golpista. Sem sucesso, elegeram Jânio, presidente inviável por falta de apoio político, ocuparam os postos-chaves, tentaram no episódio da renúncia e deram, afinal, o golpe, em 1964.

Passados 20 anos em que a luta política se travou em segredo, no âmbito das forças armadas, voltou-se à estaca zero, em novo patamar, com mortos e feridos.

Logo recomeçou a conspiração. Elegeram Collor, o Jânio II, e manobram o vice ingênuo, Itamar, para pôr em posto-chave um homem deles, FHC. Coube a este promover a maior liquidação de um

patrimônio nacional desde o desmanche da União Soviética.

Não foi possível prosseguir: foram derrotados nas urnas.

O país voltou a crescer, recuperou alguma autonomia e a conspiração recrudescer: mar de lama, república sindicalista, mensalão, ameaça bolivariana, a permanente associação do “inimigo” à corrupção sistêmica.. A ordem é manter a tensão a qualquer preço, com qualquer pretexto. Podem tirar o cavalo da chuva. Da UDN ao PSDB, o grupo é o mesmo e não vai desistir. Baterá no mesmo ponto esperando um momento de fraqueza para, de novo, tentar o golpe.

29.10.2014

Em 15 de junho de 1901, quando Edmundo Bittencourt lançou o primeiro número do Correio da Manhã, o Brasil experimentava os efeitos sociais da recessão econômica imposta três anos antes pelos banqueiros ingleses em troca de um empréstimo de dez milhões de libras. O Presidente Campos Sales iniciava a política dos governadores, distribuindo responsabilidades e benesses do poder federal entre as oligarquias dos estados. O resultado positivo foi a aparência de estabilidade, em oposição aos conflitos que marcaram o governo de Prudente de Moraes (1894-1898); discretamente, implantava-se a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais, o café-com-leite, que predominou até a revolução de 1930. O Correio nasceu oposicionista e foi oposicionista quase todo tempo, até a última edição, de número 24.881, em 7 de junho de 1974. Combateu com fúria muitas políticas públicas, com razão ou sem ela. Os pontos culminantes de sua história podem ser contados com intervalos regulares de vinte anos.

1. Em 1904, sintonizado com o descontentamento da população afetada pelas grandes obras que modernizavam o Rio de Janeiro, o jornal do jovem Edmundo lutou contra a “inoculação obrigatória nas pessoas do pus das vacas” - medida imposta pelo cientista Oswaldo Cruz para pôr fim às epidemias que assolavam a cidade. A revolta da vacina foi noticiada nas edições de 11 a 15 de novembro; decretado o estado de sítio, o jornal saiu no dia 18 sob censura e só voltou às bancas em 15 de dezembro.

2. No governo de Artur Bernardes (1922-1926), a circulação do Correio da Manhã seria interrompida novamente, dessa vez por mais tempo: de 31 de agosto de 1924 a 30 de maio de 1925. Bernardes governou em estado de sítio o país abalado por movimentos de trabalhadores (ecos da agitação que sacudiu a Europa após a Revolução Russa de 1917; o Partido Comunista Brasileiro foi fundado em 1922) e revoltas militares do ciclo “dos tenentes “ (o levante dos “18 do Forte” de Copacabana, em 1922, a rebelião que se apossou de São Paulo por 23 dias e foi reprimida com o bombardeio da cidade, em 1924, e a coluna Prestes, que percorreu o interior do país durante cinco anos e se internou na Bolívia em 1927). Nesse contexto, o Correio ocupava a primeira página inteiramente com noticiário internacional e se limitava, nas páginas internas, ao noticiário oficial, cobertura de esportes e de fatos policiais.- com algumas raras e disfarçadas menções críticas à realidade. Ainda assim, era considerado um risco em potencial; a suspensão do jornal baseou-se na suposta impressão em sua gráfica de um folheto subversivo.

3. Em 22 de fevereiro de 1945, o Correio protagoniza a História: na vigência do Estado Novo, regime ditatorial vigente desde 1937, publicou a entrevista concedida ao repórter Carlos Lacerda por José Américo de Almeida, ex-Ministro da Viação, abrindo caminho para o fim da censura e o início do processo que levou à renúncia de Getúlio Vargas, em 29 de outubro.

4. O que aconteceu em 1964 foi o instante máximo da existência do Correio da Manhã como jornal de oposição e também o episódio que o conduziria à falência e à desaparecimento. No dia 29 de março, um editorial advertia para os riscos da tolerância do governo com a rebeldia de praças das forças armadas e continha um parágrafo profético: “As primeiras vítimas da supressão das liberdades democráticas seriam, sem dúvida, os rebelados de hoje, que, pela sua indisciplina, provocam a crise.”

5. Nos dias 31 de março e 1 de abril, publicou editoriais virulentos instigando o golpe de estado: “Basta” e “Fora” . Logo no dia 2 de abril, porém, saíria o primeiro texto de Carlos Heitor Cony contendo críticas ao autoritarismo que se implantava: “A salvação da pátria”. Seguiram-se outros, reunidos em seu livro “O ato e o fato”. A contestação do regime militar prosseguiu com várias outras iniciativas do jornal. Em 1966, disfarçada como anúncio, saiu em suas páginas a íntegra da carta do jurista Heráclito Fontoura Sobral Pinto ao Ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, protestando pela cassação dos direitos políticos do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Em outubro de 1968, uma entrevista da nora do Brigadeiro Itamar Rocha, então prisioneiro, ao repórter Pery Cotta denunciava um plano de militares radicais para “eliminar grupos estudantis e outros que sejam considerados inconvenientes”. Era a “Operação Para-Sar”, a conspiração mais ousada e sinistra da história brasileira: planejava explodir o gasômetro do Rio de Janeiro e a represa de Ribeirão da Lajes, que abastecia a cidade de água; acusar supostos “guerrilheiros comunistas” por esses crimes; e, na confusão que se criaria, capturar e atirar ao mar, a 40 quilômetros da costa, 40 personalidades de

destaque no mundo cultural e político do país.

Diferentemente de Última Hora, que mantinha as características gráficas e editoriais de um jornal popular, o Correio, com sua aparência sóbria e sede imponente na Avenida Gomes Freire, 471, era veículo prestigiado por uma elite liberal não comprometida com o trabalhismo – juristas, empresários, médicos, altos funcionários públicos. Sua posição imediatamente após o golpe de 1964 teve grande repercussão: nas eleições de 1966, o jornal elegeu dois deputados federais pelo Estado da Guanabara, Hermano Alves e Márcio Moreira Alves; seus mandatos e direitos políticos foram cassados em 1968.

Em março de 1929, Edmundo Bittencourt transferira ao filho, Paulo, a propriedade e comando do Correio da Manhã. Com a morte de Paulo, em agosto de 1963, coube à viúva, Niomar Muniz Sodré Bittencourt, então com 46 anos, enfrentar a pressão que se tornaria insuportável logo após a decretação do Ato Institucional número 5, em 13 de dezembro de 1969. No mesmo dia, foram presos o diretor-superintendente e o redator-chefe do jornal; em 7 de janeiro, a própria Niomar e os demais diretores. A edição foi integralmente apreendida no dia 27 de fevereiro e o jornal suspenso por cinco dias. Quando voltou a circular, em 4 de março, o nome de Niomar já não figurava no expediente. A empresa pediu concordância sete dias depois e foi arrendada em seguida ao grupo editorial do empresário Maurício Nunes de Almeida.

O Correio da Manhã circulou ainda por cinco anos. Em seus 73 anos de história, passaram pela redação personagens importantes da cultura brasileira. Nas primeiras décadas, entre outros, José Veríssimo, crítico literário e idealizador da Academia Brasileira de Letras; Leão Veloso, famoso também por uma sopa que criou com frutos do mar e até hoje frequenta restaurantes cariocas; Afonso Celso, autor polêmico de "Porque me ufano de meu país"; Coelho Neto, escritor prolífico com sua prosa rebuscada, parnasiana (50 romances, 20 peças de teatro e 12 livros de crônicas listados em sua biografia no arquivo da Academia Brasileira de Letras); o advogado e líder socialista Evaristo de Moraes; e o dramaturgo Artur Azevedo.

A presença desses personagens não assegurou padrão ético e jornalístico elevado à redação do Correio. A imprensa, que no tempo do império dependia do mecenato benevolente do imperador e de sua corte, vivia, no começo do século XX, um período em que a sustentação comercial dependia de corretores autônomos, que tinham grande influência nas redações; os salários ínfimos eram comumente complementados por comissões sobre anúncios ou empregos públicos providenciados pelos patrões. A linguagem formalista, distante da língua corrente, e a imitação de padrões europeus acentuavam o artificialismo da vida literária e a hipocrisia dos discursos dados como progressistas. Esse clima é descrito cruamente no romance "Recordações do Escrivão Isaías de Caminha", que Lima Barreto publicou em 1909 e que o afastou para sempre da grande imprensa carioca.

Em anos mais recentes, escreveram no Correio da Manhã o poeta Carlos Drummond de Andrade, que assinava uma coluna com as iniciais C.D.A.; o romancista Graciliano Ramos, revisor dos principais textos do jornal; o teatrólogo e diplomata Pascoal Carlos Magno, o crítico e musicólogo Eurico Nogueira França; o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda; o escritor Antônio Callado; o crítico de cinema Salvyano Cavalcante de Paiva. Por muitos anos redator-chefe do jornal, Álvaro Lins, que seria chefe do gabinete do Presidente Juscelino Kubitschek, com quem romperia mais tarde, é autor de três textos sucessivos sobre Carlos Lacerda considerados exemplares de jornalismo combativo: "Um pobre rapaz", "Pobre coitado" e "Um pobre diabo".

28.10.2014

A perda da tradição popular no Brasil e sua substituição por outra coisa aparece muito claramente na linguagem dos brasileiros.

Por exemplo: "prostituta" tem dezenas de nomes populares tradicionais no Brasil, mas não, que eu saiba, "vadia". Essa é uma invenção de tradutores de filmes americanos para palavras como "hooker" e "bitch" (os americanos são permissivos no cinema com a linguagem tanto quanto restritivos quanto à imagem - a nudez e semi-nudez, por exemplo). Tiraram a ideia do pretexto usado pela polícia para prender prostitutas, cuja atividade, pela lei brasileira, não é ilegal.

Da mesma forma, "branquelo", que aparece nos manifestos toscos de estímulo ao ódio racial, traduz alguma palavra da gíria americana (quem for versado, me informe qual). As palavras ofensivas tradicionalmente aplicadas a brancos são "carcamano", para italianos e descendentes; "galego" para portugueses; "turco", para libaneses (tinham passaporte emitido pelo Império Otomano, ocupador odiado do território do Líbano); "alemão batata", para os alemães ("alemão", por memória da guerra, é até hoje nome do inimigo das gangues de morro do Rio de Janeiro) e o genérico "gringo". Havia também o uso pejorativo de "polaco" e de "china" (para orientais em geral).

28.10.2014

Os templos vazios na Europa, os fiéis que perdeu por toda a América Latina são o preço que a Igreja Católica paga por erros que cometeu nos últimos 50 anos.

Como disse o atual papa - tentando, quase que sozinho em sua corte faustosa, recompor essa fratura da fé- , "Jesus chamaria hipócritas aos que abordam o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção para procurar fazer dos pobres seres domesticados e inofensivos".

27.10.2014

Nenhuma teoria no âmbito das ciências da natureza pode contestar a existência de Deus, porque a concepção de uma divindade criadora é metafísica.

Serve para ilustrar essa distância conceitual o princípio de que Deus criou o universo. Nada impede que Ele o tenha criado com uma explosão de partículas ou que o esteja criando com a evolução das espécies.

O conceito de verdade, no universo metafísico, decorre da revelação, que é diferente, embora na essência similar, em diferentes culturas.

Nas ciências, o conceito de verdade decorre da experiência e da dedução a partir de dados experimentais.

O único problema é que usamos a mesma palavra para designar as duas "verdades" - e mais outras: os advogados, por exemplo, sempre buscam nos convencer (embora não acreditem) que a verdade está nas sentenças dos tribunais.

27.10.2014

Ouvi, ontem, na televisão, muita bobagem.

Por exemplo, que a eleição consolidou a unidade do PSDB porque Alécio Neves teve em São Paulo votação acima do esperado (em Minas, abaixo, mas isso não importa para quem construiu o argumento).

Ora, a oposição Minas x SP não é entre partidos é entre oligarquias, e vem do começo da república.

O eleitorado de São Paulo votou maciçamente em Aécio como votaria em Marina, Eduardo Campos ou Tiririca, se disputassem contra o PT. O notável é que, vivendo em São Paulo, estado rico e com melhores escolas, siga o comando da oligarquia tão docilmente quanto se diz que o faziam os famosos "grotões" nordestinos da vulgata sócio-política nacional.

Aí entram, provavelmente, outros fatores: o papel dominante dos meios de comunicação transferindo para a esfera federal o descontentamento com os descaminhos de responsabilidade do governo do estado (da imprevisão que levou à crise no abastecimento de água ao aperto por que passam USP e Unicamp, privilegiadas com orçamentos recordes); e o fracasso político do PT local, refletindo a ruptura da unidade que o construiu na origem, entre os blue collars de São Bernardo e a anti-elite descontente com a ditadura. Esta, como se sabe, em toda parte, tende a se dar melhor com esquerdismos mais elevados, que não se misturam com a sujeira da realidade.

21.10.2014

Depois de estudar por algumas décadas - mais de meio século - a retórica do jornalismo (e da política, evidentemente), acho que posso dizer que sou especialista no assunto.

Ser especialista significa reconhecer padrões e localizar estilos. E daí ter evidente que, no momento final dos embates vigorosos, em qualquer etapa de um processo, quando o desfecho se aproxima, aparece o "nem-nem", tática discursiva muito bem descrita por Roland Barthes em suas Mitologias (1957).

É espontâneo, forçoso - mais ou menos como "eu confio na Justiça brasileira", dito pelo cara que vai se julgado, ou "desculpe", que se murmura depois de derrubar as sacolas de uma velhinha na porta do supermercado.

Trata-se do momento em que a turma menos mobilizada e mais desmobilizadora, principalmente do lado que acha que vai perder, assume atitude "imparcial" e assegura alguma dessas coisas:

1. "não há diferença real entre uma opção e outra";
2. "nem um nem outro têm a solução" (naturalmente, ela mora do Reino do Nunca, o dos sonhos de Marina).

Sem querer ser cáustico, leio isso desde ontem, na Foreign Policy, na Folha, no blog do Pedro Dória (que culpa o "radicalismo" - logo ele, que trabalha no Globo - dos blogueiros, esses fanáticos alucinados), no Diário Catarinense, no site da defesa.net...

O apelo é claro: Guardem as armas. Vocês são uns trouxas com essa brigalhada...

Só que duvido, no contexto atual, que algum dos autores desses textos acredite realmente nisso - tanto na premissa quanto na validade da conclamação.

29.09.2014

Acho que o Estado não tem que legislar sobre a vida sexual das pessoas.

O que deveria existir é o direito de as pessoas se unirem umas às outras conforme seus interesses, na extensão e número que lhes convier, se é que querem dividir bens e serviços. Como vão gerir essa união, o que farão na intimidade dela, é coisa da vida privada.

Casamento deveria ser opção religiosa ou prática social de forte tradição.

Cabe ao Estado, sim, regular e fazer valer os contratos, zelar para que não fraudem ou se beneficiem irregularmente da Previdência, e proteger, em qualquer caso, os que precisam ser protegidos - crianças e desvalidos por doença ou velhice.

Agressões e abusos de homossexuais, mulheres, crianças, velhos e desprotegidos em geral devem ser punidos criminalmente com o pesado agravante da covardia, onde e quando houver.

A violação do princípio da igualdade de direitos é inadmissível, mas o combate aos preconceitos se faz, a meu ver, com educação e, sobretudo, com o uso articulado dos meios de comunicação que, a começar pela publicidade, impõem ao país o racismo mais asqueroso, a distinção de classe mais acintosa e não param de reforçar estereótipos sexistas.

Desaforo, penso, se deveria resolver na justiça cível, segundo o princípio "quer xingar, pague por isso".

09.10.2014

O conceito de objetividade é ambíguo. Na linguagem comum, designa a atividade mental voltada para algo definido (o objeto), externo à consciência. Nas ciências da natureza, especializa-se para definir o que é racionalmente demonstrável e/ou comprovado empiricamente.

Para a filosofia idealista alemã (por exemplo, em Kant, mas também em Heidegger) aparece nomeando a categoria das afirmações universais, independentes do tempo, lugar ou valores do observador – o que inclui, naturalmente, enunciados que não seriam, por outro critério, considerados 'objetivos'.

No caso do jornalismo, o senso comum e as teorias em voga relacionam objetividade à neutralidade, algo próximo do modelo kantiano; nesse sentido, é inalcançável, já que o discurso se aplica a eventos do mundo real – pela própria natureza, situados, efêmeros, emocionais e passíveis de interpretações distintas.

O argumento é que, sendo a objetividade inalcançável, não teria sentido persegui-la – ao que se contrapõe outro: a felicidade, o prolongamento indefinido da vida e a sociedade perfeita são igualmente inalcançáveis e, no entanto, sempre perseguidos, porque ideais.

07.10.2014

Uma coisa tem que se admitir: os que comandam o partido da mídia (e não só dela) nesse "case" eleitoral são muito competentes.

A partir do para sempre misterioso acidente com Eduardo Campos, conseguiram (a) reverter a previsível derrota acachapante; (b) criar condições para um confronto no segundo turno em que o debate se trava em termos quase clubísticos, sigla contra sigla, com a mínima remissão a projetos políticos ou currículos prévios, em que o adversário é mais forte; (c) estimular o sentimento de derrota buscando gerar nos menos fiéis ao lado oposto reação de manada em benefício do candidato preferido..

Os argumentos, a partir de agora, objetivam (a) acirrar a competição (entre regiões, entre classes, entre personalidades), nesses termos, e (b) reforçar a condição arbitrária da disputa mediante o discurso nem-nem (nem um nem ou ou outro são bons/culpados/responsáveis etc.).

É provável, numa próxima etapa - e se correr como esperam -, menor ênfase no discurso ideológico, buscando a recuperação da credibilidade.

Tirando a queda do avião, é marketing puro.

29.09,2014

Na verdade, não apenas a informação jornalística -tanto a interpretação quanto os dados - mas boa parte da vulgata científica contemporânea resulta de distorção das pesquisas conforme o interesse dos financiadores, particularmente empresas e fundações setoriais privadas.

Os exemplos mais comuns estão nas áreas de economia, sociologia, antropologia e educação, mas há forte presença dessa forma de falsificação do conhecimento em ecologia, climatologia e nas ciências biológicas, a ponto de impossibilitar a formação de juízo equilibrado sobre questões como o aquecimento global, o manejo florestal ou a biodiversidade.

No campo as aplicações práticas, as áreas mais afetadas tradicionalmente relacionam-se com a

alimentação, a farmacologia e os cuidados pessoais.

Em todas as áreas, a informação é cada vez mais abundante, mas sua confiabilidade cada vez mais restrita.

28.09.2014

A entrevista do Vice-Primeiro-Ministro russo Dimitri Rogozin ao programa Vietcher (Tarde) do Canal 1 de TV russa permite algumas observações interessantes:

1. a Rússia prepara-se para a guerra e está pessimista quanto à paz; julgando-se acuada, acredita que qualquer negociação “é mais fácil quando se tem um revólver sobre a mesa”;
2. a guerra moderna, feita predominantemente com mediação tecnológica, depende menos do efetivo disponível do que de fatores como conhecimento de campo, comunicação, comando e controle;
4. a renovação das forças armadas convencionais e nucleares fundamenta-se na pesquisa científica e envolve a produção de itens de alta tecnologia, com a modernização e integração da indústria, tanto para usos militares quanto civis;
5. ao contrário da antiga URSS, a intenção é ter uma força armada compacta, em que “cada soldado valha por cinco”, tendo em vista a população pequena do país (144 milhões de habitantes) em relação ao território (17 milhões de quilômetros quadrados, o dobro do Brasil);
6. as sanções decretadas pelo Ocidente são “um teste para o caráter nacional russo”.

17.09.2014

Na verdade, não apenas a informação jornalística -tanto a interpretação quanto os dados - mas boa parte da vulgata científica contemporânea resulta de distorção das pesquisas conforme o interesse dos financiadores, particularmente empresas e fundações setoriais privadas.

Os exemplos mais comuns estão nas áreas de economia, sociologia, antropologia e educação, mas há forte presença dessa forma de falsificação do conhecimento em ecologia, climatologia e nas ciências biológicas, a ponto de impossibilitar a formação de juízo equilibrado sobre questões como o aquecimento global, o manejo florestal ou a biodiversidade.

No campo as aplicações práticas, as áreas mais afetadas tradicionalmente relacionam-se com a alimentação, a farmacologia e os cuidados pessoais.

Em todas as áreas, a informação é cada vez mais abundante, mas sua confiabilidade cada vez mais restrita.

26.09.2014

Em parecer que redigi a pedido da Sub-secretaria de Atividades Estratégicas do Conselho de Segurança Nacional, há mais de 30 anos, sugeri a divisão do país em micro-regiões sócio-econômico-culturais (isto é, unidades sócio-culturais em escala econômica capaz de gerar os recursos de custeio necessários) para a implantação de rede de emissoras de televisão capazes de descentralizar a produção e promover o necessário intercâmbio inter-regional, confrontando a crescente ocupação cultural do país.

A ideia era anteceder a implantação dessas emissoras com a instalação de indústria eletrônica e o treinamento, em todos os níveis, de pessoal - técnico, artístico, jornalístico.

O estudo, um esboço que fiz a convite, foi guardado por quem o solicitou, ao que me informaram, pela impossibilidade de apreciação imediata em nível superior, desde que teria que chegar ao conhecimento do Ministro das Comunicações na época, Rômulo Furtado, indicado por Roberto Marinho.

Embora o contexto atual seja outro, a preocupação, evidentemente, é antiga.

25.09.2014

Quando uma classe sente que se corroem as bases de seu poder, sempre sustenta que seu fim é o de toda sociedade. Se o poder em jogo é global, por que não o fim da civilização, da espécie ou o fim do mundo?

25.09.2014

O otário

compra produtos por marca e fica fazendo contas com base em um site como este;

paga, nos Estados Unidos, R\$69 por uma cueca Garment, quando, só para comparar, uma cueca de boa qualidade (Hering, por exemplo), custa aqui, no máximo, R\$25;

faz questão do tênis Nike, do iPhone... ; está disposto a pagar caro por algo tão imaterial quanto um logotipo e um nome;

é, enfim, quem trabalha para fingir que é rico, sem perceber que os ricos de verdade vão sempre inventar um diferencial que os distinga dos otários que trabalham.

22.09.2014

A propósito do inquérito sobre as refinarias de Abreu Lima e Pasadena, o marotíssimo silêncio de justiça que o protege e sua exploração sem limites pela grande imprensa, um amigo Facebook, dos muitos que não conheço pessoalmente, pede-me que lembre o episódio do confronto judicial entre a Petrobras e Paulo Francis, que o teria levado ao desespero, a ponto de sofrer um enfarte. Enfarte por desespero é coisa que me sugere lenda - urbana, suburbana ou rural. Por outro lado, aborreço-me falar mal do Paulo, que conheci jovem, em seus anos mais sonhadores e éticos. Primeiro, no Diário Carioca. Recém-chegado dos Estados Unidos, onde estudara teatro – dizia que na mesma turma que o Marlon Brando, mas mentia muito sobre isso – ele desfilava pela Avenida Rio Branco lendo Shakespeare e aplicava os ensinamentos de Stanislavsky aos espetáculos de revista que criticava numa coluna do jornal.

Eram palmadas violentas em moças de teatro – um universo que vai das atrizes e vedetes ao que hoje chamam de assistentes de palco – , tão virulentas que lhe valeram algumas surras e o convite para escrever textos políticos contra Carlos Lacerda na Última Hora de Samuel Weiner.

Tratava-se de encarar um especialista em insultos com outro escriba do ramo – e começou a nascer o Paulo Francis que todos conhecem, personagem que engoliria uma boa pessoa.

Devo-lhe – fiquei devendo – um favor. Quando fui demitido do Jornal do Brasil por participar da greve que paralisou a imprensa do Rio de Janeiro, pondo fim ao regime de pagamento “por fora” dos salários, em 1962, ele convenceu Samuel a me contratar como redator-chefe, desafiando o acerto entre os donos de jornais para não empregar nenhum dos grevistas.

Com o tempo e o que aprendeu de teatro, Paulo criou a versão televisiva de sabe-tudo pedante que, pondo ênfase nas sílabas tônicas, jogava sua erudição aos porcos, inventava citações e insultava pessoas. Ficou rico e reacionário.

20.09.2014

Mais que teoria da conspiração, é algo provável.

Nessa história (talvez a mais importante de nossa época, da perspectiva de um historiador do futuro) estão envolvidos:

1. O Conselho de Relações Exteriores. Concebido em 1918, no governo do Presidente Wilson, e criado formalmente em 1921, reúne as grandes corporações e órgãos do governo americano. Seu objetivo, no início, era preparar os Estados Unidos para suceder a Inglaterra na liderança mundial. Edita a revista Foreign Affairs e é o mais importante formulador da política externa do país.
2. Concerto de Bilderberg. Criado em 1954 na Europa, reúne chefes de estado e líderes empresariais europeus e americanos para reuniões anuais em diferentes cidades. É uma organização semi-secreta que formula políticas conjuntas.
3. Comissão Trilateral. Criada em 1973, amplia as funções de coordenação das organizações anteriores com a inclusão de empresários e altos funcionários japoneses. Seus atuais chanceleres são o europeu Jean-Claude Trichet, o americano Joseph S. Nye e o japonês Yasuchida Haseguawa. Foi no contexto da Trilateral, com forte inspiração nas teses de Bilderberg, que se formularam, nos anos 1970, os princípios da globalização, destinando-se recursos oriundos da renúncia fiscal dos Estados ricos para a mobilização dos meios acadêmicos (incluindo “pesquisa científica” nas áreas convenientes) e da publicidade em escala mundial.

Essas organizações, em que estão representados serviços de inteligência e agências de espionagem, vêm sendo ultimamente supridas de informação através da rede Echelon, do pool montado por Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia.

Quanto aos dados acima, não há dúvida. Que o capital financeiro, articulado em escala global, atua predominantemente aí, também é certo.

Os indícios são fortes – principalmente em Bilderberg – de que o mundo unipolar é objetivo que essas organizações perseguem.

Que o Brasil é, no momento, prioridade para elas parece óbvio (certamente com maior peso do que a Ucrânia ou a Síria, pelas quais lutam), sobretudo agora, que os Brics se institucionalizam e a América

Latina tornou-se peça chave no jogo de poder mundial.

Marina Silva é uma boa possibilidade instrumental: além de desenvolver a política econômica conveniente, o que Aécio também faria, pode, muito mais do que ele, deflagrar conflitos internos que fragilizem o país e facilitem sua anulação geopolítica.

19.09.2014

Fundamentalismo agressivo é estupidez ou má-fé.

Conflitos culturais e étnicos, sedimentados ao longo da história, só podem ser combatidos com atitudes firmes e positivas, pelo convencimento - na escola, na propaganda, na promoção das parcerias e da miscigenação que nos fez mais fortes e mais autênticos.

A agressão, a exibição, a ostentação compulsória de marcas simbólicas, a pregação do ódio e do apartheid apenas agravam, porque tornam mais profundos, os impulsos latentes ou contidos de rejeição.

Não se pode esperar o encontro quando se promove o desencontro.

Dividir os povos por esse método é prática de todos os impérios objetivando erodir o sentimento de unidade que alimenta a resistência à dominação.

Tudo que nos divide está sendo explorado numa campanha de propaganda continua na qual embarcam, alegremente, todos os idiotas. Com apoio, é claro, da mídia.

15;09.2014

Na briga da web com a TV, o que está em jogo é o custeio e a chave do custeio é a publicidade.

Ela ajuda a vender bens e ideias, com o que cumpre um papel político, o de sustentar o sistema econômico e um conjunto de valores éticos-estéticos. Para isso, utiliza meios de comunicação que devem estar centralizados e dispostos de modo a permitir o controle da veiculação.

Google atende, em parte, a essa demanda e, por isso, vem tendo êxito. As emissoras de TV na web com programação contínua não atendem e, por isso, não têm tido êxito.

A web dá maior poder ao público. Acostumado a viajar na rede, ele pode decidir não ver o anúncio e, como a oferta é muito variada, trocar o endereço. Não havendo custos de transmissão (instalação de emissoras, distribuição de impressos, manutenção de salas de exibição), a geração de mensagens está, em tese, ao alcance de todos os usuários. A proteção por direitos autorais é complicada.. A publicidade, projetada como grande negócio, com produção cara e escassa, patina nesse espaço.

14.09.2014

Aconselho revistas antigas: o pensamento modernista em Klaxon; a política da república velha em A Careta; a guerra e os anos finais da ditadura Vargas na Cultura Política, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda.; a vida cultural que rondava os microfones na Revista do Rádio; a descoberta do interior do Brasil em O Cruzeiro; os anos JK em Manchete...

A desvantagem é a perda de perspectiva; a vantagem, que a meu ver compensa de longe, é a ausência da distorção histórica, já que a História é contada conforme os interesses e as paixões das épocas em que é escrita.

Era meu programa dos fins de tarde, na Biblioteca Nacional, nos anos em que trabalhei no centro do Rio.

12.09.2014

As pesquisas eleitorais divulgadas até agora indicam que os quase 12 anos de exercício do poder federal não renderam ao PT bases fortes na maioria dos estados. Salvo Minas Gerais, Acre e Piauí, o partido não ocupa a liderança no primeiro turno e, em vários deles, não tem chances de vitória, mesmo coligado, em segundo turno.

O que mais chama a atenção é a previsível derrota por larga margem na Bahia, estado importante que o PT governa, a fragilidade em São Paulo e a situação complicada no Rio Grande do Sul.

Contraditoriamente, isso desmonta a tese, sustentada pela mídia, de que uma onda petista ameaça varrer o país.

O êxito da campanha nas eleições para a presidência (mesmo que perca, é incomum, considerando a força e a fúria da frente oposicionista) deve-se, decerto, a outros fatores.

Um deles é justo aquilo de que mais se acusa a cúpula do partido (entenda-se:Lula e seguidores): a capacidade de se articular com oligarquias sem as quais, salvo mudança profunda na sociedade,

ninguém governa o Brasil. Outro, a mobilização e integração com setores da administração estatal muito eficientes, da diplomacia à medicina preventiva e à estrutura de bancos oficiais. A questão é até onde isso pode ser levado sem base política mais ampla e mais sólida.

11.09.2014

As pessoas viviam mal. De repente, melhoraram.

Cada Um pensou: dei sorte! E emendou: graças a Deus.

Com a opção da Igreja Católica pelos ricos, surgiram vagas no mercado dos corretores de Deus.

Homens espertos, representando grandes e pequenas corporações ou autônomos, ocuparam o espaço.

Agora, que subiu na escola social, Cada Um sentiu a necessidade de mostrar isso ao mundo. Passou a pagar o dízimo, por gratidão e como investimento no banco celestial. E mais: celebrou, mês a mês, sua generosidade para que todos vissem - na igreja, no mercado, nas festas de aniversário da família. E, em política, bandeou-se para o partido dos evidentemente bem sucedidos.

Como ele.

10.09.2014

São fantasias, guerra psicológica, ficção geopolítica.

No entanto, a globalização, antes de se implantar, também foi ficção acadêmica, espalhada nos anos 1970 pelo então desconhecido Brzezinski, que se transformaria na versão democrata do republicano Kissinger e ajudaria a planejar passos decisivos na política externa dos Estados Unidos no Oriente Médio (a partir do governo Carter), a balcanização da Iugoslávia e a utilização da guerra civil do Afeganistão para o desgaste do poder soviético.

O que está sendo proposto e divulgado pela Rádio Liberdade, organização patrocinada pelos Estados Unidos desde o tempo da União Soviética e hoje sediada na Ucrânia, é o esfacelamento da Rússia: as repúblicas da Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia formariam um "cinturão democrático" Guam (aliado, é lógico, aos Estados Unidos); partes do território russo, no Ocidente, caberiam à Finlândia, à Polônia e à Ucrânia. O restante seria dividido em países maiores marcados por diferenças étnicas, no estilo do que deu certo historicamente nos Bálcãs e está sendo implementado no mundo árabe. Para aceitar tal divisão, se proporia à China ficar com amplas áreas do Oriente russo onde se localizam reservas minerais de portentoso valor para sua laboriosa indústria.

O projeto é apresentado como "único meio" de impedir a Terceira Guerra Mundial ou, alternativamente, como o mapa do mundo que sobraria de tal conflito.

Os comentaristas russos chamam o projeto de "Império do Caos".

Cabe observar que o Estado brasileiro tem sofrido historicamente pressão do império anglo-americano para o esfacelamento de seu território, com a transformação da Amazônia em "nações indígenas"; a projetada compra de terras contínuas no Oeste; a ocupação do Nordeste Ocidental, intentada durante a Segunda Guerra (isso foi proposto oficialmente ao Presidente Getúlio Vargas, em 1942) -sem falar no estímulo a ambições cultivadas por segmentos da plutocracia paulista e na eventual exploração do separatismo no Sul, pretendida, em outros tempos, pela aliança de Hitler com Mussolini.

A preservação da unidade de um país do tamanho do nosso - na região em que está, com a população e a riqueza que tem - custou muito sacrifício, diplomacia, concessões e derramamento de sangue em lutas internas, desde o tempo da independência.

08.09.2014

Entrei na escola com sete anos. Sabia ler, escrever e contar. Não conhecia os algoritmos da multiplicação e divisão. Não dava para a primeira série; puseram-me na terceira série. Completei a quarta série com oito anos.

Não tinha idade para cursar o ginásio. Repeti.

Com nove anos, não tinha idade de novo.

Éramos pobres. Advogado no Brasil é coisa para rico.

Foi em 1946, primeiras eleições depois do Estado Novo.

Papai vestiu o terno verde jaquetão, o único, levou-me pela mão a um sobrado na Rua Dias da Cruz, no Méier, e pediu a um político que impetrasse, de graça, mandado de segurança.

Com a liminar, fiz o concurso e entrei no Colégio Militar. Quando o mandado foi denegado no mérito (ninguém acompanhava), eu já estava na quarta série. Que bom que a Justiça brasileira é tão devagar! Graças à formação que tive no colégio, entrei na faculdade e, quando papai adoeceu de vez, fui

trabalhar em jornal. Em pouco tempo me aprumei.
O anúncio pede ao povo que não venda o voto.
Está certo, mas a campanha me causa certo constrangimento.
Afinal, para que está em posição de conforto, dar conselho é o que há de mais fácil.

07.09.2014

Estou convencido de que as tradicionais disputas que aparecem na superfície da política brasileira estão sendo superadas pela definição de uma postura diante do país em si. Cresce um movimento poderoso de rejeição que envolve setores da direita e da esquerda. Vai desde a pregação, à direita, de que o Brasil jamais dará certo, até a feroz disposição, à esquerda, de “acabar com tudo que está aí”.

No processo de desgaste de nossas tradições nacionais, substituímos o convencimento pelo confronto nas relações raciais, a ponto de transformar uma torcedora boboca que xingou um jogador de futebol (se xingasse a mãe dele ninguém diria nada) em símbolo nacional do racismo.

Importamos, com essa veia americana de fazer de cada contradição uma briga, o credo diabólico que prega o extermínio de quem pensa como os débeis mentais que o promovem. Atos de violência repetem-se contra (por enquanto) templos católicos e cultos de origem africana no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e São Paulo.

O esforço para dividir o país de modo a torná-lo mais frágil é evidente a qualquer um que contemple os interesses em jogo. Dependendo, no tempo, do resultado das eleições - mas acho que, a médio prazo, qualquer que seja ele - isso vai se resolver, como tragédia ou desfecho épico.

Por ora, ainda dá para festejar essa festa subversiva - o Sete de Setembro.

06.09.2014

Na pregação das igrejas pentecostais, pode-se distinguir claramente doutrina e liturgia. Quanto a esta, o suporte é basicamente o impacto da urbanização e modernização da sociedade sobre populações da base social, com suas exigências de consumo e transformação de costumes; a sensação de solidão e “invisibilidade”; a cultura da dependência e da submissão.

A estratégia inicial relaciona-se com a psicologia comportamentista (Watson, Hull) aplicada e difundida nos cursos de formação de vendedores - basicamente a dinâmica de grupo, o estímulo-resposta e o auto-convencimento.

A esse conjunto de ações motivadoras junta-se o aproveitamento de situações ambientais que induzem à socialização e à integração. Elas existem em todas as culturas - a palavra dominante, o ritmo, a dança, a música, a construção cênica do ambiente etc. Fartamente utilizados nos rituais religiosos e no manejo de concentrações políticas, foram explorados intensamente, por exemplo, na Alemanha Nazista quando o Ministro da Propaganda era Joseph Goebbels.

Momento particular desse processo é a indução do transe por mecanismo similar à hipnose, em pessoas sugestionáveis e dispostas à experiência - algo conhecido e aceito no Brasil a partir da prática do culto em religiões de origem africana.

A busca de suporte na psicanálise pelo seguimento mais informado de catequistas funda-se principalmente em Carl Jung e em sua obra amplamente difundida sobre arquétipos humanos, “O homem e seus símbolos” que, aliás, pode ser lida integralmente e sem custos na Internet (a melhor reprodução do livro em português está no site da Clínica Psiquê).

05.09.2014

O acordo com a Santa Sé que Lula celebrou em 2008, num dos raros atos desastrosos da política externa de seu governo, criou privilégios que Dilma agora, em plena campanha eleitoral, se compromete a estender às outras religiões.

A Concordata tem itens complicados: estabelece isenção total de impostos, exclui direitos trabalhistas a “fiéis consagrados”, concede visto temporário ou permanente a estrangeiros indicados pelos bispos, dificulta a desapropriação de prédios e assegura a intocabilidade de “objeto afeto ao culto”.

Feita a besteira - não se sabe quem convenceu o presidente ou o deixou cometê-la -, é inevitável sua extensão por equidade, mais cedo ou mais tarde, às outras religiões. De nada adianta arguir sua inconstitucionalidade porque, como todos sabem, o Supremo Tribunal Federal é órgão político de dignidade limitada, absolutamente incapaz de confrontar os interesses do clero.

O custo é elevado, fica arranhada a laicidade do Estado, mas, ainda assim, os riscos seriam menores

se consideradas as igrejas tradicionais - cristãs protestantes, judaica, muçulmana, budista, vertentes religiosas oriundas das culturas bantu ou iorubá etc. - e seus compromissos éticos.

O problema reside nos bazares da fé que se espalham pelo país, ultimamente, às dezenas de milhares, explorados por estelionatários que ocupam o vazio deixado pela decadência do catolicismo. Não há como impedir que muitos deles - talvez alguns do que já estão podres de ricos - pratiquem impunemente crimes como a lavagem de dinheiro, liderem campanhas de ódio (que já estão nas ruas) e conduzam seus lotes de fiéis por perigosas sendas políticas que as religiões de verdade têm o bom senso de evitar.

04.09.2014

O debate que se trava nesta campanha eleitoral não faz sentido.

De um lado, o discurso racional. Os resultados econômicos são bons; o êxito social, espetacular; as perspectivas, de estabilidade em curto prazo e êxitos adiante. Cuida-se de provar e comprovar isso. Do outro, as formas e narrativas apontam para o imaginário. Arquétipos da cultura: a mão da Providência movendo a História; o Inesperado, a Fada e a Bruxa. A Verdade revelada a que os fiéis têm que adaptar a realidade.

Esse espaço mágico ocupa o vazio da informação. Nele, tudo parece se esclarecer: se eu pago, recebo; recebi porque paguei; não recebi porque ainda não paguei o bastante. A vida melhorou porque Deus quis e Deus está à venda na igreja da esquina.

Aos ouvidos dos imersos nessa magia semiológica, a fala enrolada da Santa é tão incompreensível quando o didatismo possível do Sábio. Não só porque faltou escola, mas, principalmente, porque faltou emoção - e a consciência se faz da emoção. Política é adesão consciente que logo se transforma em paixão.

Os gestores do simbólico sabem disso que os homens práticos ignoram. Têm um espólio gigantesco a abocanhar e foram competentes em seu último lance nesta jogada.

O golpe foi dado. Resta saber se ele se completa.

03.09.2014

No almoço, ouço o elogio da maconha por um jovem entusiasmado. Por alguma razão, penso em Erasmo de Roterdã que, com a mesma ênfase e maior audiência, produziu o Elogio da Loucura. Lembra-me o tempo em que fumar em público era padrão de masculinidade e, entre as mulheres, prova de sofisticada elegância.

Não havia redação, escritório ou consultório médico sem cinzeiro, o cigarro era objeto inevitável de todas as cenas de filmes, carteirinhas de três com filtros vinham com a refeição a bordo dos aviões. Diziam maravilhas do efeito das tragadas. Era-se compelido a fumar antes, para aguçar os apetites e, depois, para digerir e prolongar o prazer. O cigarro ora acalmava, ora mantinha acordado; socializava; abria ouvidos e estimulava a criatividade.

Nada contra.

Nem antes, nem agora.

No entanto, ainda em geral saudável, mas com um terço da capacidade pulmonar normal, desconfio que, no final das contas, chupar fumaça, qualquer uma, pode não ser boa coisa.

02.09.2014

Ao longo da vida, assisti a três ciclos de acelerado crescimento econômico no Brasil, cada um deles com peculiaridades e mística próprias.

O primeiro, nos anos 1950, caracterizou-se pelo início da industrialização e pela ocupação do vazio territorial do Centro-Oeste. Sua expressão maior foi o plano de metas de Juscelino Kubitschek. Em tempo de euforia, o progresso parecia ser para sempre.

O segundo ciclo ocorreu sob a ditadura militar, na década de 1970. Os marcos foram a expansão da fronteira agrícola, o petróleo sob o mar, o álcool combustível e as iniciativas de ocupação da Amazônia por indústrias e tropas de selva. Chamaram a isso milagre brasileiro, mas o clima era de repressão e protesto.

O terceiro parece que se completa agora. O pré-sal e as obras de infraestrutura foram o ponto alto na economia, mas os maiores ganhos ocorreram na área social. Não houve, como nos períodos anteriores, explosão cultural: ondas de misticismo e de insatisfação existencial desembarcaram no país.

Ao fim de cada episódio desses, no passado, ocorreram ressacas: o golpe militar que durou vinte

anos, a estagflação que demorou outros vinte. Acontecerá isso de novo? Teremos novo anticlímax ou dessa vez o pouso será suave, preservadas as conquistas e preparado novo salto?

01.09.2014

Tenho procurado eliminar, ou não prestigiar, propaganda política explícita neste mini-espço que mais ou menos controlo.

Explico. Admiro a acuidade de Lula e sua equipe na gestão da economia do Brasil. Da combinação de soluções keynesianas e subsídios à base social resultou êxito extraordinário.

O mesmo se pode dizer, no geral, quanto à expansão da geração hidrelétrica, a exploração do pré-sal nas condições possíveis menos lesivas ao interesse nacional, o confronto com problemas históricos, como a seca na Nordeste, a condução da política externa nos limites do poder nacional ou a expansão da rede de universidades públicas e do ensino técnico..

O governo foi corajoso ao enfrentar a corporação de negociantes e milionários que controla as confederações de medicina.

Mas é só, ou quase só isso.

A política de comunicação atual é uma porcaria. Administração é vendida como anúncios de cosméticos, em linguagem eufórica que mantem o exato padrão dos tempos da ditadura. A linha política do governo, suas reais motivações e consequências, permanece mistério para a população. O país se despolitizou.

A informação estratégica não funciona. O governo vive levando sustos.

Uma nação que exige concurso público para auxiliar de escritório não tem o direito de pôr em posição de mando gente com o perfil psicológico confuso de um Fux ou Joaquim Barbosa.

O ensino fundamental é movido pelo objetivo de “manter as crianças fora das ruas” - e os conteúdos que se danem. O ensino público médio é historicamente o gargalo - e continua sendo. O encaminhamento da massa de estudantes pobres para escolas superiores de qualidade ínfima retarda o ingresso no mercado de trabalho, mas não melhora a qualidade do desempenho dos ofícios.

Não se cuidou de construir uma ponte com as forças armadas nacionais, remendando o coração partido pela estupidez da tortura.

O PT não formou nos estados a base política que deveria; foi incapaz de costurar as alianças que poriam abaixo as famosas oligarquias de nosso atraso. A campanha eleitoral praticamente inexistente, reduzida ao marketing de TV.

30.08.2014

Há quase vinte anos, escrevi um livro sobre Controle de Opinião Pública.

Estudei, **então**, os processos utilizados para conduzir povos como boiadas, dispensando, se possível, os relos.

Os mecanismos eram já sofisticados, e ficaram mais ainda.

A globalização contou muito com esses instrumentos. Quantias enormes foram liberadas pela renúncia fiscal nos países ricos para sustentar campanhas de opinião transnacionais focadas em temas edificantes que excluíssem a luta de classes, base das análises marxistas da sociedade: pela defesa do meio ambiente; promoção de etnias e comportamentos ditos minoritários (mesmo onde são maioria); igualdade entre os sexos com a incorporação definitiva da mulher ao mercado de trabalho; e atividades caritativas em geral.

Além de incorporar ou cooptar os segmentos treinados para a liderança que seriam liberados pela falência dos ideais revolucionários, a estrutura assim organizada pôde instrumentalizar-se para vários empreendimentos, da exploração de recursos preservados (como, agora, o xisto betuminoso nos Estados Unidos) até a preservação de recursos para a exploração futura (na Antártida, no Ártico, na Amazônia, no fundo dos oceanos). Seu potencial como desagregador de alianças opositoras jamais foi desprezado.

A engenharia social constrói versões para os fatos; se eles não existem, fabrica. Tudo aí é suspeito. Dos desastres de avião às pesquisas de opinião, fotos, vídeos, índices das bolsas e números da estatística. Principalmente os atores.

No momento, aqui, dentre os que comandam o espetáculo, os interesses variam.

Para uns, está em jogo o espólio dos bancos estatais – BNDES, Banco do Brasil, Caixa.

Para outros, conter a concorrência da agropecuária no mercado mundial.

Para terceiros, isolar China, Rússia e Índia, únicos empecilhos reais ao império mundial.

Para quartos, o pré-sal.

Há ainda coadjuvantes com causas particulares: diferenciais de salários, garantia de clientes,

mercado, lucros...

Agora é Marina. Como, antes, Collor. Ou, antes, Jânio. Melhor seriam peças cambiáveis e institucionalmente seguras, como um Bush que se troca por um Obama ou um Sarkozy que se substitui por um Hollande.

O que ela pretende fazer, pouco importa; não fará. Mas pode desfazer muita coisa: é para isso que serve.

29.08.2014

O extermínio da cultura popular brasileira - hoje restrita a museus, saraus elegantes e lugares onde consegue se esconder - começou na década de 1950, quando as gravadoras de música foram compradas pelos americanos em busca de mercados suplementares e as grandes produtoras de filmes que iniciavam no Brasil produção competitiva (Vera Cruz, Maristela) tiveram barrada a distribuição no exterior.

A variedade de ritmos era enorme - do carimbó à rancheira, do xaxado ao rasqueado, do choro à valsa, do batuque à modinha -, intenso o intercâmbio da produção regional e sua difusão a partir dos grandes centros. Ocupavam-se disso cantores, músicos, arranjadores e orquestras que fizeram história.

O estrangulamento passou pela fase do "novo" (do cinema, que tentou retratar o país, à bossa, que importou o jazz para tornar a música local aceitável à fina audiência) e da segmentação (MPB, pagode, protesto, brega...).

Chegamos, enfim, ao momento em que os alunos adolescentes de uma escola pública aqui perto tiveram dificuldade em indicar músicas em português para um programa da rádio escolar.

Surpreende até que, pelas artes de uma cantora-empresária, o ritmo do axé ainda consiga competir pelos ouvidos nordestinos.

Globalizamos.

Nos morros, a moçada vai de funk - quanta riqueza rítmica, melódica, poética!

As raízes negras de nossa cultura ressurgem - importadas: o gospel, o reggae.

A elite escolarizada cultiva o rock e o traduz para inventar o "sertanejo universitário", já que o que era sertanejo mesmo se integrou ao country, da mesma forma que a vaquejada virou rodeio.

No cinema, temos tido algum êxito copiando cenas de filmes de ação americanos no ambiente de favelas e cortiços.

Nas rádios, de vez em quando, carpideiras cantam velhos sambas, devagar, escandindo versos do lirismo antigo.

Sinto muito. Estou convencido de que não tem volta.

28.08.2014

Quem paga por Marinha ganhará o pré-sal.

Com isso, na fantasia dessa falsa ingênua e de seus espertos patrocinadores e áulicos, vai-se a indústria naval, dana-se a produção agrícola substituída por canaviais e lavouras de fundo de quintal, ferra-se a indústria automobilística e a indústria naval, suspende-se o projeto nacional de energia hidrelétrica desenvolvido há mais de 70 anos.

É o retorno à floresta. Sem o saci, o currupira, o tacacá, o boto e o catimbó.

O futuro é de vocês.

28.08.2014

A Justiça brasileira é realmente uma justiça de classe: para a classe que julga, 22% é pouco; para a que é julgada, até 8% parece muito.

27.08.2014

Desde os governos de Getúlio Vargas, que formataram a vida pública brasileira, as lutas políticas se vêm travando entre postulações ideológicas que conflitam em duas vertentes:

- o nacionalismo (entendido como afirmação do país, território e Estado, não de etnias) oposto ao liberalismo modernizador ou entreguismo (objetivamente, a submissão à esfera de poder dos Estados Unidos);
- a produção de conhecimento próprio da realidade nacional, oposto à importação acrítica da reflexão estrangeira (americana, europeia – predominantemente francesa) fundada em outras experiências nacionais.

A primeira dessas contradições é bem conhecida: opôs Getúlio (e os trabalhadores organizados, a instituição acadêmica da época, parte das forças armadas – essencialmente o exército – , produtores rurais voltados predominantemente para o mercado interno) à UDN (a maior parte da elite jurídica e

tecnológica, setores bancários, exportadores e importadores).

Da vitória da corrente entreguista em 1964 – que não durou muito: a lógica do pensamento militar logo geraria o retorno a soluções nacionais em áreas sensíveis, como a informática, a energia nuclear e a indústria de defesa – resultou o aguçamento dos conflitos internos no país e enorme desgaste político das forças armadas, antes (no tenentismo, na FEB) tidas como vanguarda modernizadora.

O instrumento para cooptação dos militares foi a aceitação de um único rótulo para todo pensamento político que não convergisse com os interesses multinacionais – o “comunismo”, então, como, hoje, o “islamismo” ou o “terrorismo.” Ora, os partidos comunistas no Brasil sempre foram essencialmente organizações de classe média, tocadas por militares, principalmente na década de 1930, e por intelectuais (dos melhores do país), no pós-guerra. Tratou-se de ocultar a natureza nacional específica do trabalhismo de Vargas e seu antagonismo histórico às tentativas de organização das classes trabalhadoras pelos comunistas.

O entreguismo triunfou ao destruir o que restava da imprensa que poderia contrariá-lo: a *Rádio Nacional*, poderosa estrutura de Estado resistente ao engajamento político, foi anulada na década de 1950, e a mídia perdeu, em poucos anos, núcleos de inteligência consolidados ao longo de décadas, em torno de veículos como o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias* ou o *Jornal do Brasil*.

O discurso único, propagado por poucas empresas integradas ao setor bancário e coordenadas no plano continental, sobrepôs-se à diversidade da produção cultural antes característica do país, tanto em termos regionais quanto de classes sociais, e manteve aceso o espírito do liberalismo, que teria seus anos de glória nas negociações da privatização, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

A reação inevitável sobreveio com a eleição de Lula e seu governo, que recuperou em pouco tempo os ideais de Vargas. Foi um processo sofrido (os governos militares toleravam, até certo ponto, o PT como alternativa “moderna” ao getulismo e ao comunismo; essa imagem foi ainda dominante na campanha eleitoral de 1979, que contrapôs Lula a Brizola) e incompleto (há núcleos de resistência, aqui e ali), mas dele resultou mudanças sociais importantes e a afirmação da eficácia de soluções econômicas não liberais na linha do pensamento keynesiano.

Diante dos resultados alcançados, resta ao conglomerado neoliberal – ou entreguista – denunciar a corrupção (que é estrutural e, no plano do governo, pode apenas ser combatida) e prenunciar tragédias futuras.

No entanto, há novo espaço a ser ocupado. A invasão cultural que o Brasil sofreu nas últimas décadas trouxe não só avanços nas ciências da natureza, na tecnologia agrícola e na medicina, mas também promoveu transformação radical no pensamento dominante em ciências humanas e sociais, com ampla repercussão no discurso dos meios de comunicação e no comportamento de grupos intermediários nos centros urbanos.

Na Antropologia, na Sociologia e nas ciências econômicas, o que se defendia era a administração e a superação paulatina das contradições; agora, o que se busca é expô-las e aguçá-las.

Na sociedade real, isso deságua em conflitos que tendem a submergir a política. Num país em que a maioria das famílias é multirracial, o realce dado aos conflitos étnicos fere relações consolidadas, com grande custo emocional; quando a tolerância sempre se antecipa à lei, em questões como a homossexualidade, a sexualidade adolescente, o adultério etc., a exposição agressiva desses comportamentos motiva o questionamento de valores e desperta reações muito variadas. Disso tiram proveito as novas religiões pentecostais que se implantaram no Brasil ocupando o vazio deixado pelo recuo institucional de igreja católica sob o reinado de Vojtila e Ratzinger.

É para esse espaço – menos de intolerância, mais de perplexidade – que converge parte do pensamento oposicionista, em sua falta de perspectivas no quadro da política tradicional.

Eis aí o cacife político de Marina Silva.

27.08.2014

É engraçado como os momentos se reproduzem na História:

A recuperação claudicante da Europa e dos Estados Unidos após a crise de 2008 lembra os anos de depressão que se seguiram à quebra da bolsa de Nova York, em 1929, e conduziram o mundo à Segunda Guerra Mundial.

A composição e forças contra o governo trabalhista atual lembra a conspiração que levou Getúlio Vargas ao suicídio e o processo que antecedeu o golpe de 1964. Os métodos de engenharia social neste último episódio - aglutinação em torno de “institutos de pesquisa”, uso intensivo da mídia sob controle, atividades de provocação visando o sentimento religioso da população - são os mesmos, e também é o mesmo o nível de cooperação da esquerda radical, embalada em suas fantasias.

A candidatura de Marina Silva está prestes a repetir a candidatura de Fernando Collor, com grau ainda

maior de imprevisibilidade - razão porque a oposição organizada se divide quanto a apoiá-la.

25.08.2014

As privatizações promovidas no governo de Fernando Henrique Cardoso representam o maior conjunto mundial de falcatruas desde processo similar desfechado por Gorbachev nos anos de 1990, em seguida ao golpe que comandou para a liquidação da União Soviética, após décadas de decadência institucional

24.08.2014

Sei que tem forte conotação de humor negro, mas, nessa matéria, adorei a última frase da sobrinha do suposto morto que reviveu:

“Espero que seja um milagre completo.”

De fato, milagre incompleto não vale.

19.08.2014

Leio em um site "de esquerda" que Lula, "ao privilegiar a indústria automobilística", promoveu o caos urbano e, assim, prejudicou a candidata Dilma.

A frase soa magnificamente natureba, mas não faz sentido.

Na verdade, o Brasil viveu duas décadas de paralisação dos investimentos públicos, o que se refletiu na piora dos transportes de massa nas cidades. A falta de linhas de trens metropolitanos e outras soluções racionais vem sendo suprida nos últimos anos, às pressas, com o acúmulo de obras que causam a derrubada de casas e prejudicam muita gente. O governo federal paga por isso, tanto quanto prefeituras e governos estaduais.

Nos 20 anos perdidos, de 1980 e 1990, aconteceu a expansão absurda de frotas de ônibus comandadas por uma máfia de milionários bregas que acumulam lucros absurdos. Um deles fechou, há tempos, o Copacabana Palace para o casamento da filha, embalado pela voz de Latino; outro, excêntrico, compra lotes de discos vinil e os importa em contêineres, como mostrou extensa reportagem do New York Times.

O poder político dessa gente - que paga as campanhas eleitorais dos prefeitos e mantém tarifas elevadas associando-se a dirigentes sindicais nos acordos do sindicalismo de resultados - contribui para que a falsa solução de contratar novas linhas e mais carros continue sendo adotada.

Com o transporte ruim, maior número de pessoas usa o carro particular para ir ao trabalho ou à escola e voltar para casa, disputando espaço com dezenas de milhares de ônibus e vans. Tudo isso contribui para a insuportável lentidão dos deslocamentos em horas de rush no Rio de Janeiro ou em São Paulo e para a superlotação dos meios de transporte que restam.

No entanto, o automóvel é um bem precioso mesmo onde o metrô funciona maravilhosamente e há sempre espaço nas avenidas, porque dá às pessoas liberdade para sair à hora que querem, ir onde querem, dia de semana ou domingo, nas férias ou no feriado, a qualquer hora do dia ou da noite.

A indústria automobilística implantou-se no Brasil como decorrência óbvia da disponibilidade de aço; com ela, surgiu a concentração de operários relativamente bem pagos de que se originou o PT e onde despontou a liderança de Lula. Ele dedicou, naturalmente, a melhor atenção ao setor.

Mas, se não houvesse fábrica alguma, e ainda que o trânsito fluísse em toda parte, o Brasil teria mais e mais automóveis, como constatam as pesquisas de mercado de novas montadoras que aqui se instalam. Só que os importaria, como faz com tantas outras coisas

18.08.2014

Não faltaram razões a Roberto Amaral para tentar, ainda que inutilmente conter a pressa do partido em entronizar Marina Silva. Socialista por convicção, quadro orgânico do partido desde sua refundação, em 1985, sob a presidência de Antônio Houass e, logo em seguida, de Jamil Haddad, ele pensou no partido como instituição fundada em ideais que prevalecem a duram mais que pessoas.

Na época de seu renascimento, o PSB retomou como documento básico o manifesto inicial do partido dissolvido em 1966 pela ditadura. Nele, João Mangabeira, Hermes Lima e alguns outros intelectuais censuravam o PTB e o PCB - o que agora parece irônico - pelo culto da personalidade (de Getúlio, de Stalin, de Prestes).

Amaral, cientista político, bem sabe o quanto um verdadeiro partido político precisa, para sobreviver, de coerência ideológica. PSD, UDN, PTB, PSP - partidos de antigamente - desapareceram, embora os núcleos ideológicos conservador, liberal, trabalhista, comunista e socialista estejam aí.

Um partido que seja apenas "o de Arraes", "o de Eduardo", "o de Marina" terá o mesmo destino

efêmero.

16.08.2014

Nas eleições de 1950, o deputado mineiro Cristiano Machado, lançado pelo Partido Social Democrático, representante maior das oligarquias rurais, deveria disputar com Eduardo Gomes, indicado pela União Democrática Nacional, com grande presença nas elites urbanas e apoio da direita radical - os integralistas e a intelectualidade integrista congregada no Partido Liberal. Os caciques do PSD traíram Cristiano, no processo que originou a criação do verbo cristianizar, que nada tem de cristão e só existe no léxico político do português do Brasil. Como se vê, Aécio Neves, Minas tem tradição.

16.08.2014

O Professor Rudá Ricci reproduziu gentilmente em um post o texto que escrevi sobre Marina Silva e que ele considera pesadamente crítico.. Especula sobre quais seriam os meus motivos.

Respondo, em atenção ao eminente sociólogo.

A questão que ele coloca é típica de uma perspectiva política que averigua as intenções de cada ato. De fato, no caso, a única que existe é o desejo de expressar um testemunho pessoal..

Coloquei o post agora porque não tenho a menor intenção de participar da campanha eleitoral; procurei antecipar-me à argumentação que, a despeito da sinceridade de Marina, marqueteiros e advogados irão construir em defesa e contra sua candidatura.

A base de minha opinião é o acompanhamento de falas públicas e a observação imediata de atitudes dela, desde um evento que me chamou atenção, há mais de dez anos.

Ela era Ministra do Meio Ambiente e eu, substituindo alguém, por designação - não por ser minha área - tive a incumbência de moderar um debate no Programa de Pós-graduação em Biotecnologia da UnB. Nele se apresentou um representante do MMA na época, o professor da UFSC Rubens Nodari, que começou sua exposição projetando em power point a imagem de uma rês com a doença da vaca louca, e proclamando:

"Os transgênicos são iguais a isso".

O absurdo era tão grande (qualquer que seja o juízo que se faça dos transgênicos), partindo de um especialista em um encontro científico - mesmo a meus olhos de leigo - que me levou a questionar o viés ideológico do ministério conduzido por Marina Silva. Daí a atenção que passei a dar à figura política que ora se candidata e ao grupo que a acompanha mais de perto.

Minha geração sonhou fazer do Brasil um país democrático, tolerante, viável e moderno, com agricultura eficiente e indústria de alto nível, bom padrão de vida e menor -muito menor - desigualdade. Uma nação não agressiva,mas soberana. Se isso é ser conservador e desenvolvimentista, eu sou, assumidamente.

O discurso ecológico, associado em Marina ao fundamentalismo religioso e aos preconceitos que lhe são próprios, nega tudo isso. Daí,acredito piamente que o caminho proposto por ela é, não só regressivo, mas inviável beco sem saída.

E não acredito que reúna apoios para trilhá-lo.

15.08.2014

Antes que se comece o papo de sempre, com uma porção de pessoas xingando as outras, defino minha visão pessoal consolidada sobre o objeto.

Marina Silva pode ser excelente pessoa, mas é o anti-Brasil.

Nascida de esquerdismo primitivista e romântico, ostenta uma subcultura enfeitada com palavras difíceis e frases sem sentido.

Odeia o agronegócio. Não no sentido de enfrentar os herdeiros empresariais do velho coronelismo limitando suas ambições políticas, organizar agricultores em cooperativas para exploração de produtos em condições competitivas, ou criar arranjos produtivos que integrem a pequena propriedade em unidades industriais ou núcleos de armazenamento, processamento e comercialização.

É contra o agronegócio em si, contra aquilo que sustenta o comércio externo do país. Extrativista, admite no máximo a agricultura de subsistência. Esse aspecto de seu programa é que o mais agrada aos Estados Unidos, que têm no Brasil sério concorrente real - e principalmente potencial - no mercado de commodities agrícolas.

Esquerdista radical - no que esquerda e direita se abraçam, comovidas, ao som de um bolero - não é

conta o capitalismo (tanto que a assessoram alguns de mais destacados intelectuais orgânicos do financismo bancário), mas contra a "sociedade industrial" - isto é, a Embraer, as siderúrgicas, as metalúrgicas...

É dos que odeiam hidrelétricas e acham construí-las na Amazônia um crime contra os "povos da floresta". Como termelétricas poluem e usinas nucleares são perigosas, sugerem iluminar e mover este país de 200 milhões de pessoas com cata-ventos, quando o vento sopra.

Tirando o criacionismo, o horror aos transgênicos (não ao patenteamento de novas espécies obtidas em laboratório, mas à ciência que permite criá-los) e o uso abusivo dos conceitos em ciências humanas, nada propõe em áreas do conhecimento.

Não tem suporte político além do aglomerado que se forma conjuntamente para colocá-la no governo ou atraparhar o "inimigo". É contra "tudo que está aí", pela gestão do Estado com a graça de Deus, espada da Justiça, a confiança da Fé, a pureza da Inocência e iluminação da Sabedoria.

Fernando Collor, em 1989, era candidato bem mais consistente.

Muitos dos eleitores de Marina que conheço, principalmente aqui no Sul do país, vêm nos últimos anos buscando na história da família algum avô que lhes possa garantir uma "outra nacionalidade". Pode até ser, então, que tenham oportunidade de usá-la.

14.08.2014

As manchetes de hoje, voltadas para o destino do espólio político do candidato, atestam como foi hipócrita a corrida, ontem, pela oportunidade de chorar a morte de Eduardo Campos.

Diante do fim inevitável da vida, o que se espera é o respeito, não o elogio formal, repetido defunto após defunto. Dos mortos, quem os perdeu que os chore, não quem assistia e tem aí nova chance de refletir, em silêncio, sobre o vazio das vaidades.

Há distância entre constatar o vácuo e querer preenchê-lo.

O mínimo de pudor recomendaria que esperassem todos um pouco antes de dividir a herança.

Faltou o mínimo.

13.08.2014

Na minha santa inocência, ignorava até hoje a motivação real da campanha, aparentemente intempestiva, pela "desmilitarização" das polícias militares - como se (1) o fato de ser civil tornasse a brutalidade menos brutal (não conhecem o xadrez e métodos adotados desde sempre em delegacias, bobocas?) e (2) fosse possível existir no mundo um país que não dispusesse de estrutura para impedir ações limitadas de quebra-quebra, tentativas de invasão de prédios, resistência a mandados judiciais etc. .

Descobri hoje a origem dessa onda: é a campanha americana contra a generalização e ampliação do emprego de tropas de choque, equipadas à semelhança das forças armadas, para repressão de manifestações - fenômeno que se acentuou na esteira da maré repressiva que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001.

No entanto, as situações são diferentes. As policiais militares brasileiras, comparáveis à Guarda Nacional americana, são instituições seculares e o problema está na ampliação de seu emprego, crescente e constante, desde 1930, para o policiamento ostensivo urbano, a vigilância do tráfego e até a pretendida construção de inquéritos policiais.

Guardas civis, na rotina das cidades, são negociadores na primeiríssima instância do processo judicial. Devem integrar-se à comunidade e atuar conforme seus valores: saber quando é hora de fazer uma advertência ou punir determinados desvios menores, intermediar a solução de questões locais e prestar assistência imediata às pessoas, quando necessário. Isso exige uma presença e uma autonomia que a estrutura rígida da corporação militar não facilita em nada.

O importante é registrar que, mais uma vez, a "nova esquerda" não produz seu discurso, traduz.

13.08.2014

Conheci o trabalho dessa mulher extraordinária na década de 1950, quando estudava medicina e pretendia ser psiquiatra. Ela se destacava - olhada com desconfiança pelos médicos tradicionais e também pela corrente hegemônica da psicanálise - pela busca de métodos, ao mesmo tempo, eficientes e em condições de ser aplicados no atendimento de massas.

Isso representava rejeitar a terapia de choque - elétrico ou químico - a lobotomia e a anulação das pessoas pelo uso contínuo e excessivo de medicamentos; mas também elidia o caráter dialogal e os

rituais que tornaram a psicoterapia recurso de gente rica com duvidosa eficácia.

Baseado na psicologia analítica de Carl Jung, seu trabalho com esquizofrênicos e, em particular, o uso da expressão artística como forma terapêutica e de acompanhamento na recuperação dos pacientes, representavam uma perspectiva luminosa no desespero dos manicômios.

Coerente com sua escolha política e com o humanismo social que inspirou os melhores intelectuais brasileiros de seu tempo, Nise aplicou o melhor de sua carreira profissional no Hospital Pedro II, instituição pública do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

A personagem é lembrada em um filme de ficção - "A senhora das imagens", de Roberto Berliner, com Glória Pires (distribuição Imagem Filmes) - e no documentário "Post-facio - Imagens do Inconsciente", de Leonn Hirsman (1956), recentemente recuperado e reeditado por Eduardo Escorel. É a oportunidade de conhecê-la e, para os bem velhinhos, de revisita-la.

13.08.2014

Posso ser um extraterrestre ou um infiel de todos os credos, mas jamais elogiarei alguém que morre se não o estimei sinceramente em vida.

13.08.2014

O princípio legal "stand your ground", adotado em 15 estados americanos, é um dos fatores que têm contribuído para o assassinato de jovens negros nos Estados Unidos, segundo o comitê da ONU para eliminação da discriminação racial.

Essa legislação, inaugurada na Flórida no governo de "Jeb" Bush, irmão do ex-presidente, estendeu a tradicional Lei de Defesa da Habitação, que autorizava a autodefesa em caso de invasão de residência, a quaisquer outros ambientes, e tem sido usada com êxito para absolver assassinos de jovens negros.

A impunidade garantida soma-se à doutrina de "perfis criminosos" do FBI (promovida nos seriados de TV, ela descreve estatisticamente tipos e comportamento de indivíduos ameaçadores) e a preconceitos consolidados historicamente para estimular os crimes.

As deficiências no acesso da população negra a emprego, e habitação são outros fatores que conduzem à situação crítica: embora os negros sejam 13% da população americana, compõem 50% número de pessoas assassinadas.

O painel da ONU ocorre, por coincidência, junto com os protestos, pela morte, sábado, pela polícia do Missouri, de um adolescente desarmado.

12..08.2017

A história de Alan Turing mostra o erro de base em que incorrem os que igualam os preconceitos sociais no Brasil e na Inglaterra ou Estados Unidos.

Ainda que sejam equivalentes em intensidade (o que depende muito da região e do estrato social envolvido, aqui e lá), a diferença historicamente reside no grau de institucionalização, tanto nos costumes quanto nas leis.

Getúlio Vargas tinha uma amante, Virgínia Lane, que o visitava terça-feira à tarde no Palácio do Catete. Era notório, agenda presidencial sempre vaga - mas não se noticiava. Foi notícia muito depois, embora se tratasse do político mais combatido pela mídia em seu tempo.

Oswaldo Cruz, o cientista a quem devemos a tradição brasileira da vacinação, era dado a prostitutas e morreu de sífilis. Quando a doença atingiu o sistema nervoso e ele piorou muito, deram-lhe um cargo digno e o puseram no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, onde morreu cercado de honrarias e do carinho de nosso povo.

Dizem os críticos que isso - respeitar o segredo da vida privada de quem não a pretende publicada e não ter leis que castiguem ou "corrijam" supostos desvios em procedimentos íntimos - é hipocrisia.

Se é, viva a hipocrisia;

10.08.2017

A globalização manifesta-se em pequenas agressões, percebidas melhor por quem vive mais tempo. Na tradição portuguesa - e brasileira - as pessoas designam-se pelo conjunto do prenome e do último sobrenome, em geral o paterno. Assim, eu me chamo Nilson Lage e só em situações cartoriais uso o nome completo, Nilson [Lemos] Lage. Faço o mesmo que Luís [Vaz] de Camões ou Olavo [Braz

Martins dos Guimarães] Bilac, para citar dois em muitos milhões de falantes do português. Como na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Rússia e em muitos outros países, o último nome é comumente considerado o "nome da família": Winston [Spencer] Churchill, Barack [Hussein] Obama, Vladimir [Vladimirovich] Putin

Na Espanha e nos demais países ibéricos, o costume é diferente. O nome paterno, que em geral as pessoas agregam ao prenome, é o segundo. Assim, Miguel de Cervantes {Saavedra}, Fidel Castro [Ruz], Hugo Chaves [Frias].

Acontece que, na geografia dos americanos médios, há uma só nação ao sul do Rio Grande habitada por "latinos" - uns sujeitos morenos, bem falantes, malandros, de cabelo engomado e bigodinho. Quem planeja os formulários de cadastro e manuais de procedimento corporativos adotados no Brasil são os americanos.

Entendo as implicações disso e não culpo as agentes de telemarketing, empregadas de prestadoras de serviços e moças chatas em geral que me chamam, ao telefone, no balcão ou pelo alto-falante, de Nilson Lemos.

Mas já perdi avião por isso: demoro muito a descobrir que sou eu.

08.08.2017

Não é só na administração que a má qualidade do grosso da produção acadêmica impressiona. É em todas as áreas, e se torna gritante naquelas em que não há meios fáceis de comprovar empiricamente o erro; isso inclui com destaque as ciências humanas e sociais..

A exploração de orientandos por orientadores depende essencialmente do nível de colaboração entre os dois, o que a coloca no âmbito das questões éticas, sobre as quais é difícil legislar. Além dos artigos isolados que ambos assinam, um exemplo é a publicação de coletâneas de artigos de alunos em edições limitadas, com ISSN; quem os junta (seleciona?, elege?) assina como orientador e garante assim os pontos no sistema como autor de livro.

A máquina de produzir artigos funciona no mundo todo. Além de a quantidade superar, aí, a qualidade, um modelo similar aos paradigmas de Thomas Kuhn atua como fator de desvios: em lugar de "ciência normal", temos "escolas dominantes" ou "modas" que determinam o destino preferencial de recursos. Exemplos: "questões de gênero", "natureza" estão na moda ou em graça; "luta de classes", "desenvolvimento" estão fora de moda ou em desgraça.

Recurso útil para coibir abusos e fraudes em programas de pós-graduação seria, a meu ver, a divulgação compulsória na Internet das teses e dissertações produzidas no país (ou com financiamento público), e seu acesso por um cadastro (ou vários, por áreas) centralizado, respeitados direitos de autoria literária e patentes. Os objetivos seriam (1) evitar a repetição de pesquisas; (2) reduzir a incidência de plágios; (3) impedir, pela exposição pública, a aprovação de trabalhos de péssima qualidade; e (4) democratizar e universalizar o conhecimento.

Tentei propor e implementar isso nos poucos meses em que dirigi o Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica, há dez anos, mas logo percebi que era tudo o que ninguém queria ouvir.

07.08.2017

Mesmo as pessoas que aprenderam a desconfiar da retórica que se usa para vender ideias, candidatos e produtos costumam confiar nos números que, como as imagens, não mentiriam jamais. No entanto, imagens dependem do ângulo em que foram tomadas, admitem retoque e Photoshop; medidas numéricas dependem do tamanho do metro (que pode ter 98cm ou 102cm) e do caminho (estatístico, contábil) em que se chega a um resultado. Para dar um exemplo, houve há tempos escândalo na Justiça do Trabalho com o cálculo de correções monetárias: os desencontros interesseiros chegavam a 1000%.

É coisa para quem entende. E aí mora o perigo.

06.08.2017

Até onde percebo, essa campanha eleitoral é atípica, mera etapa em um processo de desestabilização.

Com a guerra fria em nova versão praticamente deflagrada - seu contorno se define nos conflitos regionais que se sucedem - a pressão dos Estados Unidos sobre a América Latina - o Brasil em particular, como país-chave - deve retornar ao nível que antecedeu o golpe de 1964 ou superá-lo. O projeto nacional brasileiro de agir em bloco com países com nível similar de desenvolvimento, pluralizar as relações comerciais e políticas perseguindo essa linha e apoiar a multipolarização do

poder mundial encontra obstáculo sério no alinhamento da mídia local com os interesses comandados de Miami, de maneira mais ampla e oligopolizada do que nos anos 60..

O diálogo com o segmento militar é prejudicado por um duplo impasse: a anistia legal que nenhum dos lados aceita e a insistência - ingênua ou suicida - em estender ao conjunto das atuais forças armadas a culpa pela tortura de presos políticos nos anos da ditadura. Em suma: não foi feito o expurgo que deveria ter sido feito e se prolonga uma situação de mal-estar que prejudica os objetivos nacionais. O dinheiro das empresas americanas e de seus parceiros, principalmente no grande empresariado paulista, corre solto, de maneira similar ao que aconteceu no início dos anos 60 - via "institutos de pesquisa" (Ipes, Ibad/ Millenium); comando político-ideológico em agências de publicidade e relações públicas; envolvimento de instituições/pessoas das áreas empresarial, jurídica, universitária e corporações.

A desnacionalização cultural e a adesão da elite à sociedade de consumo estilo americano avançaram muito, nos últimos 30 anos, acentuando uma fratura na unidade do país, já que os padrões ambicionados são inalcançáveis pela grande maioria da população. Para os setores descontentes dessa elite, os objetivos principais são de natureza comportamental e envolvem a rejeição total às instituições nacionais.

04.08.2017

É fato transparente na grande mídia que ela faz oposição não ao governo trabalhista, mas ao Brasil e ao projeto nacional brasileiro, que vem de muito antes e atravessou os regimes militares para ressurgir com força na última década . Um projeto que incluiu a criação de inteligência tecnológica e base industrial nacionais, a ocupação plena do território (razão da fundação de Brasília e motor do investimento no álcool-combustível e na exploração agrícola do cerrado), a integração com a América Latina (a aproximação com Cuba data de Jânio Quadros e a superação da tradicional rivalidade militar com a Argentina coincide com o transferência de tropas gaúchas do Exército para a criação dos batalhões de selva) e a busca de pluralidade nas parcerias econômicas, fugindo à dependência de um único país ou bloco hegemônico - causa histórica de nosso subdesenvolvimento. Lembro-me perfeitamente de quando o Brasil - era o governo Geisel, insuspeito de comunismo - apressou-se para ser o primeiro país a reconhecer o governo do MPLA em Angola e deslocou para lá navios com suprimentos. A África é o nosso horizonte além-mar.

02.08.2017

Digamos que o candidato (à Presidência da República, Aécio Neves) demonstra no vídeo problemas de dicção quando a introdução de consoantes linguodentais ou linguopalatais expõe descoordenação de movimentos dos músculos glóssicos (genioglosso, hioglosso, estiloglosso e palatoglosso); e que esta síndrome coincide com certa disfunção do controle, pelo labirinto, do equilíbrio em posição ortostática bípede. A causa dos distúrbios não é revelada.

02.08.2017

Morreu mês passado, soube hoje. .

No Colégio Militar do Rio de Janeiro, seu número de matrícula era 1.406 e nós o chamávamos de Coveiro. Depois de velho, incomodado pelo apelido, contava a história de um passarinho morto que, quando criança, teria sepultado com honras e lágrimas.

Duvido.

Sempre que havia alguém a homenagear, pedia para ler, diante dos alunos formados, um soneto de louvação. Eram mais ou menos os mesmos versos: trocava o nome, estendia ou encurtava vogais para encaixar na métrica em decassílabos, trocava uma palavra ou outra - e lá ia o Coveiro. Até que um dia foi a vez do Coronel Calimério, que iria dar cursos de português em West Point, e Calimério não cabia na cesura da sexta sílaba.

A tropa inteira - mil e tantos rapazes - esperou o momento fatal. E, quando Coveiro espremeu Calimério num paroxítono, a gargalhada correu, do primeiro ano até o subcomandante.

Mas, para mim, o dia mais lembrado foi o último de aulas daquele ano. Andávamos na calçada, um grupo, quando ele estendeu o pescoço na frente do meu rosto e estalou um beijo na boca em biquinho da moça morena da fila do cinema América, na Praça Saenz Pena.

Foi má ideia. Terminamos presos, quarteirões adiante, por uma guarnição da Polícia do Exército, e acusados de depredar poltronas de outro cinema, o Ópera, coisa que quem fez foram, ao que consta, uns meninos do Pedro II.

George Francisco Tavares era um sujeito grande, muito rosado, o único verdadeiro pele vermelha que

conheci. Foi advogado brilhante. Defendeu presos políticos com honra e paixão, voluntariamente, e foi preso por isso.

Deu-me um forte abraço, há dois anos, fim de tarde, no bar Vilarino, na Avenida Presidente Wilson, onde o encontrei com seu uísque escocês, cercado de alunos que o veneravam.

01.08.2017

Há dois anos, recolho todo mês na farmácia mantida pela Prefeitura em convênio com a Ufsc um desses medicamentos de uso contínuo - coisa de velho - que o governo federal distribui, mediante receita médica e ficha de atendimento renovada de três em três meses. Nas duas oportunidades em que não pude ir buscar, foram lá minha mulher ou minha filha que, comprovando o parentesco (os nomes constam do cadastro) e assinando a documentação, retiraram o remédio.

Aí, o burocrata descobriu que era simples e fácil e tratou de tornar difícil e complicado. Imaginando absurdamente que o médico e um desses parentes próximos pudessem conspirar para o furto de uma cartela por mês de meu remédio, passou a exigir procuração em formulário próprio, acompanhado de cópia eletrostática de documento de identidade do procurador.

Pergunto à mocinha que me atende:

"E se o paciente estiver mal, não puder assinar?"

Não há resposta. Se pensasse em tal hipótese, o burocrata não seria burocrata.

Lidei com essa corja em anos e anos no serviço público. Compõem o enorme exército do "não pode", composto de bachareizinhos semi-analfabetos que, por absoluta incapacidade redigir textos próprios, copiam uns dos outros imperativos seguidos de ameaças que sempre citam um decreto, portaria ou lei qualquer. As faculdades de Direito, entre outras, os defecam todo semestre aos milhares.

Incapazes de pegar qualquer corrupto minimamente esperto, limitam-se a exercer sua arrogância vigiando peixes pequenos, como velhos doentes que apanham remédios em filas de farmácias públicas. São da mesma laia dos que pedem nas farmácias comerciais receitas que ninguém vai ler de drogas que se encontram com a maior facilidade em lugares tais como academias de ginástica a salões de beleza.

Não me esqueço do ofício com que me comunicaram a aposentadoria compulsória, como professor titular, após 55 anos de trabalho, já faz tempo. Mandavam-me procurar o departamento de recursos humanos para tratar de "assuntos de meu interesse" e advertiam que, a partir do dia x, estava impedido de dar aulas. Nem um adeus, um por favor, um obrigado, um desculpe ou um até breve. Coisa de burocrata.

31.07.2017

Sérgio Porto mantinha a coluna do Stanislaw Ponto Preta em Última Hora. Nela, a figura recortada de uma mulher bonita, a "certinha do Lalau": emolduradas pelo texto que ria dos dos ridículos da elite brasileira, promoveram-se ali vedetes famosas e outras moças, que hoje chamariam de "ajudantes de palco".

Raramente aparecia na redação. A matéria chegava, com texto final (não se iludam; já copidesquei textos de belos escritores com barbaridades ortográficas, sintáticas e até semânticas) e muito bem datilografadas (antes do computador, não havia como corrigir um texto sem deixar marcas).

Era carioca de uma geração em que a classe social se diluía em confraternização, com frequência e intensidade que não encontro em qualquer outro lugar e tempo. Trabalhava em vários lugares e para vários patrões, transitava do Leblon aos morros da cidade e aos subúrbios da Central e, em música, ia do jazz ao samba, separando bem as coisas: elegia uma categoria própria de sua preferência, a MPBB - a "música popular bem brasileira". Foi graças a ele que conheci Nelson Cavaquinho, esse imenso poeta e músico que Samuel Weiner empregou por algum tempo como porteiro de Última Hora por indicação do Sérgio.

Estranha apropriação ocorreu com ele: foi possuído pelo personagem, Stanislaw, que acabou por asfixiar o fino cronista de "A casa demolida". do padrão e nível de um Paulo Mendes Campos ou um Rubem Braga, entre os do seu tempo

30.07.2017

Um colega, Paulo Apulcro Fonseca, teve a gentileza de me encaminhar esta foto, tirada na UFF, na década de 1970. Copiei mas, no fluxo contínuo do Facebook, não guardei o nome do remetente.

Reconheço algumas pessoas, outras não. Surpreende-me ver, no extremo esquerdo, José Ramos Tinhorão, que associo na memória a outros ambientes - as redações do Diário Carioca e do Jornal do

Brasil, bem antes dessa época. Ao lado dele, Carlos Henrique de Escobar; adiante, Martha Rique Reis; na extrema direita - onde não poderia estar no mundo real - o Professor Manuel de Mattos, de terno cinza, cabelos brancos, e sua filha, Mary.

Manuel de Mattos: português, anarquista, pintor, artista gráfico, livre docente - fantástica figura humana. Num daqueles anos, passamos férias em Campos de Jordão, que ele conhecia bem dos sanatórios de tuberculosos. Ficamos num hotel modesto, em frente a uma praça e um chafariz de pastilhinhas e luzes coloridas, ao gosto de quem os espalhara década antes pelos municípios paulistas, o governador Ademar de Barros. Das luzes só restava o azul e a água jorrava em jatos pulsantes.

Eu cursava mestrado e Mattos concordara em estudar comigo; lemos um pouco de Kant, alguma coisa de Nietzsche, muito de Heidegger; nele, palavra por palavra, "Sobre o conceito de verdade". Descobri que, por detrás do nazismo e da tragédia que provocou, havia um discurso filosófico poderoso que até hoje preside as relações de poder no Ocidente - e, portanto, no mundo. Um de seus fundamentos é que a verdade pode ser não só a conformidade do discurso à realidade, mas adequação da realidade ao discurso de alguns homens que se dotam de poder para tanto.

Mattos imprimia clandestinamente panfletos contra a ditadura de Salazar e os enviava a Portugal. Quando houve a Revolução dos Cravos, foi convidado a ir lá, recebeu homenagens. De volta, mostrou-me com orgulho fotos em que aparecia à frente de bandeiras vermelho-e-negras e deu-me uma fita com a gravação dos minutos em que o locutor da Rádio Nacional de Lisboa anunciava: "Zero Hora. Nasce um novo dia para Portugal", sobre as primeiras batidas de tarol de "Gândola, Vila Morena".

28.072017

A jornalista Cláudia Varejão Valim, que se formou na ECO/UFRJ e está radicada na Europa, recomenda-me a leitura de seu livro "Um país sem excelências e mordomias", sobre a vida austera dos políticos na Suécia.

A Escandinávia tem alguns patrocinadores de peso na mídia brasileira - o mais notório deles é Paulo Nogueira, do Diário do Centro do Mundo. Muita coisa já se publicou a respeito dos políticos de lá e é com base nessas informações que comento, não o livro, mas a comparação com o Brasil, que o torna atraente.

As ilhas de fantasia que são, em Brasília, os espaços do Poder Legislativo e do Poder Judiciário resultam de uma divisão de poderes peculiar, que tem sua ancestralidade, mas foi incorporada e ampliada pela Constituição de 1988. É algo característico de um país grande, diversificado, populoso, com distinção muito nítida de classes sociais - nada como a Escandinávia.

A cúpula do Poder Judiciário vive seu paraíso burocrático porque ele pode mais que os outros e todos o cortejam: vivem lhe pedindo que mude decisões do Executivo e do Legislativo e de vez em quando são atendidos O Supremo Tribunal Federal dá shows na TV e alguns de seus ministros editam habeas corpus de arrepiar os cabelos. Ministros e desembargadores dão entrevistas sobre temas que julgam e escrevem cartas aos jornais para justificar decisões que tomaram. Procuradores da República supervisionam o governo e impõem agendas individuais; para cumpri-las, atuam frequentemente como repórteres amadores da grande mídia. Assim, a Procuradoria tem uma bancada ecológica, outra indigenista, outra privatista etc.

Nesse quadro, não é espantoso também que o Legislativo custe caro. Toda decisão que ali se toma tem que ser paga de alguma maneira: obras em bases eleitorais cargos na administração avaliados conforme a verba que pode ser gasta (se corretamente, por que lutam tanto por eles?), assessorias, mordomias...

O sistema é americano e tende a resultar, como lá, em plutocracia: a eleição de um parlamentar custa tal fortuna que ele só se elege se for líder de massas organizadas ou tiver patrocínio corporativo: eleito, atuará conforme as conveniências do grupo que o elegeu. Essa é uma realidade que resulta em partidos muito parecidos; quem quiser governar o país terá que acatá-la.

Isso é, aqui, dado como condição da democracia

Não sei exatamente como se passam as coisas na Suécia, para além das frugais e tão elogiosamente descritas aparências. Pergunto-me, porém, como o grande capital sueco age para conseguir o que lhe convém na estrutura parlamentar de lá, E por que, com tal liberdade de escolha, o país é tão subserviente aos interesses dos Estados Unidos, como demonstra o caso de Julian Assange.

27.07.2017

Da psicanálise de Freud à lógica de Wittgenstein, das valsas de Strauss à física de Mach e Hertz, muita coisa se criou na Viena do final do Século XIX. Sede de um império decadente e desmoralizado -

o Austro-húngaro -, parecia brilhante, à noite, iluminada pela última novidade tecnológica - os postes de luz elétrica - e com os cafés sempre apinhados, porque era hábito de pessoas diurnas alugarem suas casas por turnos para que dormissem as pessoas noturnas, no quadro de uma crise aguda de moradias.

A Europa meio que saía de uma recessão, que promovera a diáspora de europeus para os novos mundos (América, África, Oceania), acirrara os conflitos étnicos e agravara as tensões sociais da Revolução Industrial. Os burgos que outrora viviam do comércio dividiam-se entre a indústria e a usura. A Alemanha recém se havia unificado e o pangermanismo era um discurso vigoroso.

Lá, nessa Viena perplexa, formularam-se duas doutrinas que agravariam as dores do mundo nas décadas por vir. Nazismo e sionismo sugaram as ideias que minavam em volta. Propunham-se socialistas; pregavam o nacionalismo étnico, a busca e o retorno às origens.

O nazismo, primeiro, o sionismo, depois, aliaram-se a frações do grande capital e, com isso, esmaeceram ou confinaram o socialismo em espaços definidos e distintos do conjunto da sociedade. Grandiloquentes no discurso, mobilizaram massas para a consagração da própria excepcionalidade como "raça superior" e "povo eleito".

São conceitos perigosos, sobretudo quando levados a extremos. Ambos os movimentos - o nazismo primeiro, o sionismo depois - embriagaram-se com elas e se entregaram, em que pese a imensa tradição humanística de seus povos, à fantasia de conquistar espaços por via do militarismo.

O nazismo custou caro à humanidade e se deu mal. O sionismo está custando caro, mas ainda tem tempo.

26.07.2017

Este analista financeiro, Jim Willie, juntou as peças e armou um enredo verossímil, ainda que fantástico.

Os fatos:

1. A Sra. Merkel e a Sra. Rousseff, quem diria?, ficaram boas amigas na esteira das denúncias de espionagem da NSA feitas na Rússia pelo Sr. Snowden;
2. Os Srs. Putin e Jinping encontraram-se em Xangai e firmaram compromisso afetivo irrigado por US\$ 500 bi (no mínimo) de oleodutos. Anunciaram, na oportunidade, que gostariam de convidar para a ménage o Sr. Modi;
3. A Sra. Merkel, embora tantos problemas tivesse na Europa, viajou ao Brasil para ver a final do campeonato de futebol ao lado da Sra. Rousseff. Por acaso, aqui estava o Sr. Putin, os Srs. Jinping e Modi eram esperados nos dias seguintes para, com o Sr. Zuma, fundar um banco com capital inicial de US\$100 bi;
4. De volta ao lar, a Sra. Merkel expulsou espiões recalcitrantes do Sr. Obama e - o que é inusitado na diplomacia "entre amigos" - botou a boca no trombone;
5. Na Ucrânia, derrubaram um avião de passageiros malaio e, de imediato, o Sr. Putin foi apontado como suspeito;
6. A partir daí, o Sr. Obama aumentou a pressão sobre a Europa para brigar com a Rússia do Sr. Putin. Se isso acontecer, não apenas a Inglaterra do Sr. Cameron perderá um tanto do ouro de Moscou e a França do Sr. Hollande ficará devendo à Rússia do Sr. Putin por navios de guerra já fabricados e vendidos, mas quem pagará mais caro será a Alemanha da Sra. Merkel, que converteu sua indústria para absorver com custos vantajosos o gás russo e negocia com Rússia e China negócios monumentais.

A conclusão espantosa do Jim Willie é que a Sra. Merkel, a Sra. Rousseff e vários cavalheiros estão arriando o bote para fugir do Titanic comandado pelo Sr. Obama.

25.07.2017

Puro surrealismo.

Bandos de indivíduos - jovens, se isso importa - organizam-se para promover tumultos, incêndios e quebra-quebras durante manifestações populares ou mesmo sem elas.

Dizem que são anarquistas; fazem parte de uma onda internacional que, em toda parte, leva a lugar nenhum.

Num de seus confrontos com a polícia, matam um cinegrafista. Em outras oportunidades, agridem jornalistas - não os donos de jornais oligopolizados, sequer os editores, mas repórteres que testemunham suas exhibições.

Quando três dos apontados como líderes da malta são liberados da cadeia, mais uma vez agridem profissionais.

O sindicato da categoria toma uma providência. Qual?

Chamar papai-advogado e mamãe-psicóloga para uma sessão de escracho da categoria - representando os mesmos papais e mães que não souberam educar seus filhos no respeito ao trabalho dos outros.

Não tenho vergonha de, por quase 30 anos ter militado nesse sindicato, desde a greve vitoriosa de 1962, que garantiu aos jornalistas do Rio de Janeiro os direitos trabalhistas negados pelo patronato. Lamento, porém, pelo que ele se tornou - apêndice de partidos políticos nascidos de teoria lida em orelha de livro, de imediatismo pequeno-burguês em doses cavalares e de adolescências que se prolongam indefinidamente.

23.07.2017

Desde antes de Woodstock, os grupos que buscam algum caminho para se chegar a sociedades humanas menos desiguais e injustas enfrentam uma contestação surpreendente: aquela exercida pelos que lutam não a favor de qualquer coisa que possa ser avaliada, mas contra – apenas contra algo indefinido, seja o sistema, o capitalismo, os bancos, a polícia, a autoridade ou o futebol.

Isso não acontece por acaso: faz parte da estratégia de desarmamento ideológico transferir o comportamento contestador do nível da razão para o das paixões, do que se manifesta por um discurso sobre o mundo para o que só se pode explicar com base na psicologia.

Não se trata mais, aí, de mudar a sociedade – o que implicaria construir um modelo e persegui-lo pelos caminhos possíveis–, mas de perseguir uma utopia vaga satisfazendo impulsos cuja origem só pode ser buscada em representações eróticas, relações de poder ou desejos de notoriedade originários da infância.

O que as pessoas envolvidas nesse processo buscam, de fato, é o prazer, a adrenalina, a projeção heroica; isso as coloca, em regra, em grupos para as quais a sobrevivência não é o problema e as formas instituídas de projeção social não parecem satisfatórias.

Sem objetivos factíveis, perde-se a guerra ainda quando se ganham todas as batalhas. A máquina de informação e entretenimento promove isso todo tempo: o chieitinho, a cultura hippie, occupy, as primaveras árabes... Não há nada revolucionário nesses “fenômenos”, nem nas drogas, nos letrados das camisas, na moda, no comportamento sexual ou no corte dos cabelos. Seriam símbolos, se simbolizassem alguma coisa que não outros símbolos.

Também não há nada revolucionário em grupos de moleques que partem vidros e fazem arruaças pegando carona – e ajudando a esvaziá-las – em manifestações autênticas com objetivos imediatos e claros. Muito menos são pensadores respeitáveis os intelectuais que os orientam.

20.07.2017

Será verdade, como dizem (e os jornalões assim se justificam suas escolhas), que notícia má é que vende?

Creio que está em jogo aí uma questão de classe de leitores e contexto histórico.

A notícia é certamente o relato da quebra de um estado de equilíbrio; no entanto, essa rutura pode ser negativa ou positiva; em ambas as hipóteses, gerar susto, repulsa e, por fim, depressão, ou causar surpresa, entusiasmo e, por fim, euforia.

Editei durante anos, na década de 1960, um jornal destinado a público diversificado, mas que tinha forte contingente de leitores na classe trabalhadora e vendia basicamente em bancas. *Ultima Hora* rodava até março de 1964 em quatro cidades (Rio, São Paulo, Recife e Porto Alegre) e tirava onze ou doze edições diárias, com tiragem global gigantesca na época - mesmo agora

Diariamente acompanhava o mapa da venda avulsa no Rio. Ela crescia, e muito, quanto as notícias eram positivas e envolviam parcelas grandes da população. Isso orientava os editores na escolha de manchetes e até na preferência por verbos como “exigir” em lugar de “reivindicar” ou “pedir”, quando uma categoria pleiteava aumento de salários, e na valorização dos pequenos ganhos conquistados. Um exemplo marcante foi a cobertura do Concílio Vaticano II, que anunciou mudanças positivas e profundas na Igreja..

No *Jornal do Brasil*, onde trabalhei antes, não acompanhava da mesma maneira a circulação, mas a impressão que tínhamos é que o jornal era mais bem aceito quando atendia a expectativas dos leitores, mais esperançosos do que indignados.

Foi sob a ditadura que a notícia positiva, gritada com força por determinação do governo - até por isso -, passou a ser desprezada em favor da informação, mesmo invésada, que sugeria desfunção ou prenunciava a mudança no estado de coisas.

19.07.2017

No jantar, com camarões embrulhados em coco, prato que anda na moda nos restaurantes aqui de Florianópolis, converso com minha filha mais nova sobre como tornar a matemática atraente para estudantes de segundo grau. Trata-se de disciplina fundamental em todo conhecimento mas se esconde justamente na relação prática com as coisas. Como tornar sua relevância visível? Uma forma clássica é partir de aplicações, desde a mais ingênua (somar e subtrair laranjas, medir em passos a largura de um quarto) até a solução de problemas que se reportam à sociedade industrial (falam de trens que correm na mesma linha ou do tamanho de carretéis em máquinas de fiar) e aplicações específicas (em exame vestibular que fiz para medicina, pedia-se para alterar o número de voltas do fio em uma bobina para obter mais calor em um termocautério).

Nessa linha, pode-se conceber uma série de questões ligadas à lógica binária e à conversão entre sistemas de numeração digital, decimal e hexadecimal, relacionadas às aplicações correntes da informática. Acredito que é hora de incluir, desde as séries iniciais do ensino fundamental, os fundamentos da lógica booleana – e também, na era do cálculo eletrônico, reduzir a ênfase na submissão ao treinamento do uso dos algoritmos em favor da reflexão a partir de propriedades das operações aritméticas

Outro caminho seria tangenciar a questão das causas primeiras e fins últimos através da percepção de grandezas fora da experiência cotidiana – desde os eventos da nanofísica até as distâncias espaciais e a especulação sobre universos. A busca do inefável é uma tendência instintiva muito forte, que motiva a imaginação, com a vantagem de conduzir à abstração de qualquer realidade contingente, que é a essência do pensamento matemático.

Certamente não agrada à mais conservadora postura acadêmica, mas a Teoria dos Conjuntos provou ser extraordinário recurso pedagógico transdisciplinar, porque explicita noções subjacentes à razão humana, como as de modelos, metáforas, pertinência, soma, atribuição, correlação, definição e exposição – presentes na linguagem corrente e fáceis de exemplificar.

Nessa linha, acredito que a evolução do ensino da matemática deve ser buscada pela academia, no mais elevado plano conceitual-pedagógico, pela leitura de Gottlob Fregue (em particular, sobre variáveis quantificáveis) e seus desdobramentos em Bertrand Russell e Kurt Goedel ou, por outro lado, em Ludwig Wittgenstein, Rudolf Carnap, Alfred Tarski e Tomas Khunn. Diriam que isso ainda é, em nosso tempo, conhecimento de ponta, mas pode-se objetar que já cumpriu percurso universitário bastante para se consolidar, difundir-se e deitar no ensino básico sementes que deem frutos nas próximas gerações.

A noção de abstração pode ser acessada por via da construção histórica da noção de dinheiro - “mercadoria das mercadorias”, como define Karl Marx, com seu poder de troca desligado do uso eventual; que tal coisa seja medida de riqueza e sua posse fator de prosperidade na vida cotidiana está na essência do conceito de valor.

Em termos de matemática “pura”, as formas eficazes de motivação até agora encontradas têm sido o jogo e a competição. No primeiro caso, vale a pena explorar diferentes formas de quebra-cabeças quantitativos e arguir a atualidade de Malba Tahan, cujo talento como divulgador do pensamento lógico é pouco reconhecido; no segundo, deve-se destacar o êxito das olimpíadas da matemática, que movimentam milhões de jovens em todo o mundo.

19.07.2007

Hoje, no carro, liguei o rádio e ouvi um tanto daquilo que a classe média (e as gravadoras gringas) chama de MPB e acredita que é música popular brasileira.

Quase todas as canções eu conhecia. A diferença é que diferentes ritmos que povoaram minha infância e juventude foram transpostos para um andamento que fica entre o andante e o adagio; são mais falados do que entoados e mais cochichados (alguns guturalmente escandidos) do que cantados. Estranhei ouvir chorinhos que tenho na memória reproduzidos em ritmo de bolero e Paulinho da Viola feito missa de réquiem. Entre o muito rouco e o quase fanho, prevalecia a imitação do João Gilberto. Fechando os olhos (no sinal fechado, é claro) imaginei uma plateia de braços erguidos, balançando em pêndulo e em transe. Percebi, então, que havia intenção de referência a um passado glorioso e mudança histórica no ponto focal da anatomia: se hoje se exibem sovacos pendulares, antes moviam-se os pés e sacudiam-se os quadris, que é onde as coisas do amor de fato acontecem.

18.07.2017

Fui ao Canecão poucas vezes - uma delas para ver Chico Buarque cantar "Em construção" e "Deus lhe pague" com acompanhamento de orquestra sinfônica.

Mas a memória marcante que tenho é do diálogo com um rapaz que trabalhava na UFRJ:

- Carro novo, bacana!

- Não é meu, não. é da vice-reitora. Todo ano ela ganha um desses do dono do Canecão.

- Cacho dela?

- Não, é relações públicas. Para deixar o negócio funcionar no terreno da Universidade, sem marola.

18.07.2017

A esquerda reacionária ou regressista é aquela que vê no processo histórico insistente degradação: tem saudade do passado que imagina. Do tempo em que não havia automóveis e se atravessava a rua desviando do cocô dos cavalos; em que se podia ver a luz da lua e se dormia cedo com medo do escuro; em que se respirava ar puro e a duração média da vida humana não passava dos 50 anos.

À medida que os países se urbanizam, cresce a tendência de celebrar como objetivo a vida rural, não como ela é ou foi, mas como a idealizam. Não é novidade isso: já o romano Virgílio descrevia idílios de pastores e ninfas em campos férteis onde, na verdade, houve pântanos que seus antepassados, laboriosamente, aterraram.

Ao constatar que a riqueza foi apropriada por alguns em detrimento dos outros - maioria - essa esquerda escondida entre os mais ricos e letrados pretende, não combater os que se apropriaram, mas a riqueza em si, em suas projeções de modernidade.

A culpa não seria do capitalismo, mas da "sociedade industrial", nem da estrutura de poder, mas "de cada um de nós".

Os mais radicais entendem que a culpa é da espécie humana, que veio atrapalhar o equilíbrio vital dos mamutes e das cotovias.

17.07.2017

Dado que a mídia, presa a sua histórica articulação continental, despreza e ignora, recomendo a leitura da Declaração de Fortaleza, firmada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

É documento extenso, essencialmente crítico da ordem econômica mundial, mas luminoso nas perspectivas que propõe e ponderado nas considerações que faz. Seus argumentos são essenciais para a compreensão dos fatores transcendentais em jogo na campanha eleitoral furiosa que se inicia. A fúria se explica porque contra eles não há contestação racional possível.

17.07.2017

A adoção de outras moedas no comércio internacional não afeta diretamente - ou em prazo previsível - o dólar como moeda de reserva, mas tende a substituí-lo de maneira crescente como moeda de troca nessas transações.

Não é uma artimanha dos Brics, mas algo que se tornou necessário desde que a Justiça americana achou-se no direito de legislar sobre movimentações entre países estrangeiros feitas em dólar - em particular, operações de financiamento com o Irã, mas também, agora, com papéis da dívida argentina. Para que o dólar seja efetivamente substituído como moeda de reserva será necessário criar outra, de gestão internacional - ideia que data do final dos anos 60, quando, por ocasião do abandono formal do padrão ouro, o então presidente da França, Charles De Gaulle, propôs a criação do Direito Especial de Saque no âmbito do FMI.

16.07.2017

É realmente um caso extraordinário na história universal da imprensa.

A fundação do banco dos Brics, a presença de chefes de Estado dos países do bloco e de onze governantes latino-americanos varia, para a mídia brasileira, entre ser uma não-notícia e uma notícia irrelevante.

16.07.2017

O primeiro artigo que escrevi sobre a possibilidade de automação da produção de notícias data de 1997 e saiu numa revista acadêmica brasileira. Escrevi: “Já se pode, hoje, falar em produção automática de discursos (...). A possibilidade decorre não só da crescente capacidade de memória e velocidade de operação das máquinas, mas também dos progressos realizados em áreas como a sintaxe e a inteligência artificial.” E adiante: “A Linguística contemporânea caminha para o estabelecimento de padrões computáveis para as línguas naturais. (...) A Lógica simbólica, por outro lado, vem incorporando inovações (a lógica modal, a lógica intensional) instrumentais para a compreensão dos códigos lingüísticos. E a Psicologia cognitiva investiga como cérebros humanos conseguem, a partir de seu conhecimento do mundo, eliminar a ambiguidade da maioria dos enunciados, para, confrontando x informações que recebem, produzir x + y informações.” Voltei ao assunto em 2004, com o texto “A era das máquinas inteligentes, Ano I”, em que dava conta do trabalho desenvolvido ao longo de 20 anos pela Dra. Kathy McKeown, do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Columbia, líder do grupo de pesquisa que desenvolveu o pioneiro Newsblaster (espalhador de notícias), em 2001.

A informação de que a Universidade de Colúmbia desenvolvera o Newsblaster foi recebida e tratada, pela imprensa brasileira, em meados de fevereiro de 2002, como *fait-divers*: o site *Comunique-se* deu à matéria o título “Agora até robô pode ser jornalista”, aludindo à liminar judicial que permitiu temporariamente o exercício profissional a pessoas sem formação universitária específica. As primeiras considerações sérias a respeito surgiram com o lançamento do Google News, em 2003 ou 2004.

Adverti, então: “Essa é uma questão delicada, que o Brasil terá que enfrentar. Nossas universidades não estão atrasadas nesse campo. (...) O que falta? . Empresas e instituições interessadas em tomar a chave, rodar o mecanismo e abrir a porta para o futuro.”

13.07.2017

É um velho problema.

Sempre que quisemos ser o que não somos, não deu certo.

No começo do Século XX, imitando Anatole France e Romain Rolland, uma geração de escritores tornou-se ilegível: Coelho Neto, Humberto de Campos, Paulo Barreto (João do Rio)... Nossa literatura se aprumou quando assumimos que somos diferentes. Explodimos, então: Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Carlos Drummond... Voltamos à sabedoria do velho Machado de Assis, que sabia escolher e engolir o melhor da cultura europeia sem perder o encanto da originalidade e a pureza do estilo.

Pode-se dizer o mesmo da arquitetura, do cinema ou da música. Ao copiar no carbono os bons para ser aceitos por eles, somos sofríveis. Na melhor hipótese, aceitam-nos como imitadores aplicados – de filmes de ação, por exemplo, ou adaptando o jazz com primor para fazer a bossa nova.

É que não somos nem alemães, nem argentinos, nem africanos, nem chineses. Somos diferentes. Únicos. Temos que digerir, reprocessar, interpretar a informação que vem de fora; aí, distraídos, quando já não nos damos conta, fazemos um baita de um sucesso.

Quem nos contou isso foram os estrangeiros que vieram, agora, para a Copa do Mundo. Encontraram tudo – aeroportos, metrô, hotéis, estádios – funcionando direitinho, mas de um jeito diferente, e nos deram notícia disso.

Um jornalista da rede árabe Al Jazeera escreveu que essas coisas poderiam ser feitas com a mesma competência em outros países dentre os mais capazes. Mas não ficaria igual, porque faltariam os brasileiros.

Nosso povo, nossa hospitalidade, nossa simplicidade, nossa malícia, e até nossos defeitos, é que nos identificam.

Muita gente entendida – Tostão, por exemplo – atribuiu o desempenho pífio da seleção brasileira na Copa à falta de gingado, de meio de campo, de garrinchisses, de filigranas, de alegria. Em campo.

O Brasil cresce, enfim, com todos os seus problemas; visto de fora, parece maior e mais importante do que se imagina aqui dentro. Não é por acaso que atrai figurões da Alemanha, da Rússia, da China, da Índia...

Temos que provar que não queremos ser os maiores, nem os melhores; nos contentamos em ser felizes e em ser nós mesmos. No futebol ou em qualquer outra coisa.

Aí dá certo.

(texto escrito para e publicado no Diário Catarinense, 14.07.2014)

11.07.2017

Tenho velha e sempre renovada paixão pelo Brasil mas, sinceramente, não esperava tanto. Falam tão mal de nós, pinçam tantas desgraças para compor a paisagem sombria dos noticiários, que me surpreendeu a reação de encanto das pessoas que nos visitaram para essa Copa do Mundo e registraram suas impressões na mídia estrangeira.

É possível que o planeta lá fora esteja pior do que a gente imagina, e isso, enfim, justifique em parte a opinião dos viajantes sobre a excepcionalidade da maneira como os tratamos. Ou que o pouco que esperavam tenha ampliado o efeito dos sorrisos e gentilezas com que nos orgulhamos de receber quem nos visita.

Mas há uma verdade que eles testemunharam e para a qual se deve buscar explicações em nossa história: se bem que tanto se esforcem - a academia, a mídia, o pensamento politicamente correto - para nos fazer odiar uns aos outros por diferenças étnicas ou de comportamento, a verdade é que tivemos longo e sofrido aprendizado de convivência.

Daí resulta que, como escreveu um desses cronistas da Copa, o viajante, ao se afastar dos Jardins e do Leblon, encontrará um povo que é o que há de mais bonito neste país de paisagens variadas.

8.07.2017

Não é só o futebol, nem é de agora.

Vem de muito tempo.

Tivemos arquitetura brilhante nas décadas de 1950, 1960. Inventamos na geometria e no concreto. Hoje copiamos formas e materiais.

Nas décadas de 1930 e 1940, nossa música era diversificada e rica. O povo recitava bons poemas, comentava sua vida em ritmos magníficos, exaltava sua história e cantava suas mágoas, dos chorões dos subúrbios à epopeia dos morros.. Sufocadas em boleros, recriaram-se as canções, em 1960 e 1970, com a bossa-nova e o protesto. Hoje, não dá para comparar: consumimos o lixo de todos os povos e a imitação de nós mesmos.

Saimos do teatro de revista para o que há de mais expressivo na investigação da alma humana e na encenação dos conflitos sociais. Hoje o que produzimos é pouco mais do que a novela das nove.

A poesia viveu melhores dias.

O cinema foi pura criatividade. Hoje, recria muito bem filmes de ação americanos.

Tínhamos uma imprensa diversificada. Pensamos até em separar radicalmente informação factual e opinião. Hoje o jornalismo briga com a realidade.

Nossa língua encolhe em recursos expressivos, do subjuntivo ao futuro do pretérito, e substitui formas próprias por adaptações de palavras estrangeiras.

Pretendíamos integrar etnias e culturas num todo nacional fundado na miscigenação, na carnavalização e na apropriação dos acervos culturais formadores. Agora, transformamos a contradição em conflito e esperamos que dele saia uma improvável justiça.

Avançamos um tanto na ensaística, buscando recuperar um passado cultural em que nos reconhecíamos.

A globalização nos custa caro.

Como no futebol, dependemos da genialidade de um e outro e só conseguimos almejar um lugar menor em modesto naipe da orquestra global.

A questão é escolher entre isso e o improvável passo adiante que seria retomar a identidade perdida.

8.07.2017

Viagem ao Peru, 1971 ou 1972. Três descobertas.

1. O orgulho.

O menininho índio vendia, na praça de Cuzco, peças de metal douradas, o sol e a lua.

- Quánto cuesta? , pergunto.

- Veinte soles.

É uma gracinha, o garoto. Provoco:

- Pero, creo que cuesta dieciocho,

E ele:

- Señor, yo no hablo español.

2. A fraqueza:

Governa o General Velazco Alvarado, nacionalista, idealista, pré-bolivariano.

No aeroporto de Cuzco, colada na porta de vidro entre o saguão e a pista de pouso, uma folha de papel-ofício com o brasão nacional - a vicunha, a árvore da quina, a cornucópia - e a advertência:

"Por órdenes del Gobierno Supremo de la Revolución Nacional, no puede pasar."

3. O medo:

Procuo, nas livrarias de Lima, "Comentarios Reales de Los Incas", de Garcilaso de La Vega.

A obra, do Século XVI, lembra e exalta costumes da cultura inca.

A resposta varia: "Não temos", "só na biblioteca". "não se pode vender".

Comprei no aeroporto, deixando o país. Em inglês, brochura: *The Incas*.

7.07.2017

Não guardo ódios, mas guardo mágoas. Por isso, afastei-me, há tempos, da ABI.

Certa vez, meninos vieram a Florianópolis convidar-me a participar de um debate promovido pelo centro acadêmico da Escola de Comunicação da UFRJ. Senti saudade daquele velho hospício do tempo do império onde trabalhei durante 15 anos convivendo com estudantes maravilhosos, colegas leais e, enfim, ... acadêmicos competitivos.

Daí me vi de volta á Urca, numa sala apinhada, discutindo não me lembro mais o quê – algo que envolvia o conceito de jornalismo. Constatei, então, que entrara numa fria: algum partido de oposição àquele que dirigia o centro acadêmico ocupava o auditório e se dispunha a bagunçar qualquer coreto. Um pouco mais velha que os outros, a moça apresentou-se como jornalista e, nessa condição, liderando a claque, interrompeu minha fala, aos berros:

- O jornalismo é uma fraude! Você é uma fraude!

Um dos direitos humanos é aquele de não esquecer essas coisas. Quando a vi pontificando na ABI, achei que era melhor não ficar por perto. Contemporizei algum tempo, em atenção ao velho amigo Maurício Azêdo.

Azêdo morreu.

Passaram-se meses.

Há uma brighalhada na ABI que procuro não acompanhar porque me dá tristeza.

Os brigões mandam mensagens para minha caixa de e-mails.

6.07.2017

Escrevia um texto sobre o *Diário de Notícias* (o jornal fundado por Orlando Dantas em 1930, no Rio de Janeiro) e me lembrei de outro Nilson, o Vianna, que trabalhou lá por muito tempo.

Nós nos cruzamos em dois ambientes: no *copy desk* do *Jornal do Brasil*, no começo da década de 1960, e na redação de *Manchete*, dez anos depois. Falava pouco, escrevia devagar, tinha texto limpo e muito bom. Mas jamais deu prova mais evidente de que sabia das coisas do que quando lhe passei para editar uma reportagem ilustrada, na revista da Bloch.

A matéria era sobre a rota da Varig que ligava o Rio de Janeiro a Tóquio.

Falava-se muito, na época, do "milagre japonês" - a rápida expansão da economia gerada pela revolução dos chips (na indústria eletrônica) associada, logo depois, à abertura de mercados que resultou do entendimento entre instituições empresariais do Japão, Europa e Estados Unidos – o "acordo trilateral", de 1973.

No Brasil, fazia-se desse episódio o mote para dar nome ao "milagre brasileiro": atribuíam-se o êxito japonês não apenas à adoção radical de políticas de um capitalismo lugar-comum – o desempenho individual, a competição aberta, o empreendedorismo – mas, sobretudo, à disciplina, ao foco na produção e não em marolas sociais, exatamente o que interessava ao governo militar – e aos empresários locais. Tais virtudes deviam-se ao "espírito oriental", que faltaria aqui.

Em lugar de voar para o Leste, como é a regra na matriz histórica – Oriente é para onde os europeus se orientaram, no passado – os aviões partiam para Oeste, com escala em Lima e Los Angeles.

A foto, no layout aberto nas duas páginas, mostrava um jato, decolando no Galeão, no fim da tarde, céu vermelho, contra a luz amarela do sol filtrada, refratada e amortecida pela poeira da atmosfera. O formato lembrava, mesmo, a bandeira japonesa.

Nilson juntou a foto, a direção do voo, o capitalismo radicalizado das teorias da moda e perpetrou essa maravilha de acumulação semântica em um título em caixa baixa, letras grandes, sobreposto à imagem

"Japão,

o extremo ocidente."

5;07.2017

No último trimestre de 1943, logo após a rendição da Itália aos aliados, o país foi invadido pelos alemães, com que se aliara até então. Os camponeses se juntaram ao que restou do exército para

compor as brigadas de *partisans*, a guerra interrompeu as estradas e ninguém plantou. Quando os americanos chegaram, não havia homens válidos nem comida naquela aldeia onde os trens que traziam tropas paravam para pôr água na caldeira das locomotivas.

Ali mesmo, à beira da ferrovia, as mulheres - jovens, matronas, bonitas ou feias - se deram aos soldados, em maioria negros, alguns índios e morenos de raça indefinida, em troca de cigarros e chocolates. Não foi porque fumassem ou gostassem de doces, mas porque era o único dinheiro possível.

Quando a guerra acabou, a aborteira do lugar não tinha como atender à clientela e nem todas se dispunham a tal pecado. Nasceram, então, um agora, aqui, outro depois, ou adiante, os mulatinhos. E os maridos voltavam.

Foi quando o abade juntou a todos na igreja e decretou que nada havia ocorrido, que todas as crianças seriam adotadas, ninguém punido ou culpado.

E jamais sealaria no assunto.

Quem me contou essa história foi aquele mesmo Padre Alexandre Língua, da paróquia do Engenho Novo, sobre quem escrevi aqui, outro dia. Ele até me mostrou, certa vez, no armário da sacristia, o seu velho uniforme de oficial - honorário, ele se desculpou - do exército italiano.

4.07.2017

Uma família de gente normal foi obrigada, por circunstâncias que não vêm ao caso, a receber para almoço sujeitos muito emproados, com mãos finas e esmalte nas unhas.

À mesa posta com a toalha de linho branco e o que sobrou do serviço de louça inglesa (isto é, chinesa) guardado há gerações, experimentou-se uma conversa formal, em que até pintou um “sabeis” e um “queirais”. Mas, nessa linguagem e sem um assunto que os unisse, todos, logo, comiam calados.

O clima foi ficando tenso, as pessoas constrangidas. Até que o caçula, instruído a não abrir a boca, descobriu um fato tão extraordinário que justificava a transgressão:

- Mãe, tem duas azeitonas na minha empada!

A gargalhada explodiu.

Essa história me vem a propósito da manchete unânime de hoje dos grandes jornais brasileiros.

Os editores acompanhavam, há dias, em silêncio, uma copa do mundo que, juravam, ia ser fracasso mas deu certo, expondo a todos a dimensão da incompetência e sabujice deles.

O viaduto que desabou em Belo Horizonte foi como as duas azeitonas na empada.

Gargalharam em oito colunas.

30.06.2017

Pessoa decente com quem eu conversava bastante, Padre Língua, que construiu o Lar do Cristo Trabalhador na paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Novo, no Rio de Janeiro, formou-se sacerdote no seminário de uma vila italiana durante a Segunda Guerra Mundial.

Ele me contou que os *partisans*, de tempos em tempos, matavam um soldado alemão.

Toda vez que acontecia, os moradores da aldeia eram formados na praça e um oficial contava: a cada dez, um.

Os selecionados eram encostados na parede e fuzilados.

O relato me ocorreu agora a propósito de um crime abominável, o assassinato de três adolescentes israelenses em Hebron.

O castigo aplicado à comunidade palestina, antes – e eventualmente depois – de se encontrarem os corpos, ou sequer de saber o que aconteceu com os rapazes, não é só um crime, não.

É ato tipicamente nazista.

30.06.2017

Vendo o jogo França x Nigéria:

1. Experiência fascinante, ver futebol na TV com o som desligado, sobretudo quando fo nome dos jogadores não importa muito. Como aqueles sujeitos gritando atrapalham o espetáculo e impedem que você tenha uma visão própria do jogo!

2. Como o futebol (ao contrário do mundo) se globalizou – pelo menos na elite profissional do esporte – as antigas “características nacionais” (ênfase no atlético ou no criativo, força física ou maleabilidade etc.) perderam muito do sentido. São todos companheiros em equipes multinacionais, com treinamento bastante padronizado.

3. Só mesmo no futebol a África encara a Europa de igual para igual.